

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

OLGA EDINEIA VIGNOLI MIYAGI

**COMO A ESCALADA MOVIMENTA O TURISMO: ESTUDO DE CASO NO
SETOR MACARRÃO – PONTA GROSSA PR**

**PONTA GROSSA
2011**

OLGA EDINEIA VIGNOLI MIYAGI

**COMO A ESCALADA MOVIMENTA O TURISMO: ESTUDO DE CASO NO
SETOR MACARRÃO – PONTA GROSSA PR**

Monografia apresentada como requisito parcial
para a obtenção do Título de Bacharel em
Turismo na Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Departamento de Turismo, Setor de
Ciências Sociais e Aplicadas.

Orientador: Profa. Dra. Jasmine Cardozo Moreira

**PONTA GROSSA
2011**

OLGA EDINEIA VIGNOLI MIYAGI

COMO A ESCALADA MOVIMENTA O TURISMO: ESTUDO DE CASO NO
SETOR MACARRÃO – PONTA GROSSA PR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de
graduado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Turismo.

Ponta Grossa, _____ de _____ de 2011.

Profa. Dra. Jasmine Cardozo Moreira - Orientadora
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Luiz Fernando de Souza
Universidade Estadual de Grossa

Mestre Willian Alessandro D`Mengeon Lacerda
Sociedade Brasileira de Terapia Intensiva

Dedico esse trabalho a minha mãe que me guiou pelos caminhos corretos, me ensinando a fazer as melhores escolhas, e mostrando que a honestidade e o respeito são essenciais à vida, e que devemos sempre lutar pelo que queremos. A ela devo a pessoa que me tornei! À meu marido Gesser, pelo carinho, compreensão e companheirismo. E ao meu filho Zaion que é a maior de todas as minhas vitórias.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Wanda que nunca mediu esforços para me auxiliar nessa caminhada, me fazendo nunca desistir dos meus objetivos mesmo nos momentos mais difíceis e complicados, me ajudando sempre com meu filho para que eu pudesse concluir esse curso. Obrigada por ser minha referência de tantas maneiras e de estar sempre presente na minha vida.

Ao meu marido Gesser, que representa minha segurança em todos os aspectos, meu companheiro incondicional, o abraço espontâneo e tão necessário, sempre me apoiando e me ajudando a nunca desistir e desanimar. Obrigada por me fazer sentir tão amada, também nos momentos mais difíceis da nossa vida.

Ao meu lindo carinhoso e amado filho Zaion, que apesar de apenas um ano de idade, muito compreendeu minha ausência, e por ser meu maior motivador, se muitas vezes pensei não continuar foi você, seu beijo carinhoso ao acordar ou sua alegria ao ver minha chegada que me davam força para enfrentar o dia e continuar o dia seguinte. Obrigada amor da minha vida.

Aos meus colegas de faculdades que ao longo destes quatro anos se tornaram muito mais que amigos, especialmente a Messala minha amiga irmã que me ajudou em todos os momentos, para que eu concluísse com sucesso essa etapa.

A todos os professores do Departamento de Turismo, que contribuíram para minha construção e vivência acadêmica, obrigado pelo conhecimento transmitido, e por estarem sempre dispostos a atender.

A professora Márcia e ao professor Luis Fernando que sempre me apoiaram na minha gestação, me incentivando a nunca desistir.

E em especial a minha orientadora professora Jasmine, que me orientou quase que todo o curso e que sempre esteve pronta a me atender, pelo carinho, dedicação, respeito e acima de tudo por acreditar na minha capacidade. Muito do que sei devo a você. Obrigada.

A todos aqui citados e a aqueles aos quais os nomes não apareceram, mas que sabem que fizeram parte desse processo e que muito me ajudaram nessa caminhada, o meu muito obrigado. Não tenho e nunca terei como agradecer – los como merecem. Apenas digo que essa conquista é tanto minha quanto de vocês. Muito Obrigada.

RESUMO

O Turismo de Aventura é um segmento do Turismo que vem crescendo e apresentando novas possibilidades turísticas, como novos destinos e novas formas de interagir com a natureza. Escalada é uma atividade que traz muitos benefícios para o praticante e que vem cada vez mais conquistando adeptos de todas as idades. Ponta Grossa possui muito potencial para a escalada esportiva, devido à variedade de afloramentos rochosos presentes na região, apresentando em várias vias de diferentes graus de dificuldade. O Setor Macarrão está localizado na cidade de Ponta Grossa dentro de um atrativo turístico conhecido como Buraco do Padre e vem recebendo um aumento expressivo no número de escaladores na região, deste modo, o objetivo deste trabalho é identificar o perfil dos praticantes de escalada do Setor Macarrão, e analisar se interferem de forma positiva na economia da cidade. Contando com a elaboração de um questionário a ser aplicado no Setor Macarrão a fim de ampliar e atualizar a base de dados existentes sobre o perfil desta demanda, oferecendo informações que contribuam para o melhor conhecimento deste mercado turístico e também auxiliando para uma possível inserção da escalada no Plano de Manejo do parque.

Palavras – chaves: Turismo de Aventura, Escalada, Ponta Grossa.

ABSTRACT

The Adventure Tourism is one segment that is growing and showing to the world new possibilities for tourism, as new destinations and new ways to interact with nature. Rock climbing is an activity that brings many benefits to the practitioner and is increasingly attracting fans of all ages. Ponta Grossa has a great potential for climbing sport, because of the variety of rock outcrops in the region, performing in various routes levels of difficulty. The “Setor Macarrão” is situated in the city of Ponta Grossa in a tourist attraction known as the “Buraco do Padre” and is receiving a significant increase in the number of climbers in the region, the objective of this work is to identify the profile of the climbers of the “Setor Macarrão” and to analyze if they affects positively on the city's economy. With the development of a questionnaire to be applied in the “Setor Macarrão” in order to expand and update the existing database on the profile of this demand, offering information that contributes to a better insight of the tourism market and also helping for a possible climbing insertion in the Management Plan of the park.

Words - keys: Adventure Tourism, Climbing, Ponta Grossa.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Visão geral dos arenitos do setor Macarrão.....	15
FIGURA 2	Escalada no Setor Macarrão caracterizada como Turismo de Aventura.....	19
FIGURA 3	Gesser Tomoya Miyagi escalando a via "Dali pra Cima" na Cachoeira do Rio São Jorge.....	25
FIGURA 4	Via "Favo de Mel" - Buraco do Padre.....	28
FIGURA 5	Mutirão para recuperação das trilhas do Setor Macarrão.....	36
FIGURA 6	Campeonato de Itacueretaba.....	40
FIGURA 7	Mutirão Ambientalista - Buraco do Padre, 2005	
FIGURA 8	Mapa de localização do Setor Macarrão - Ponta Grossa Pr (BERNARDINO,2010).....	41
FIGURA 9	Escalada no Setor Macarrão.....	42
FIGURA 10	Setor 1 (ou da frente).....	44
FIGURA 11	Setor 2 (ou de traz) foto Lilian P. Massuqueto.....	

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Sexo dos entrevistados.....	48
GRÁFICO 2	Em relação à idade dos entrevistados.....	
GRÁFICO 3	Origem dos entrevistados.....	49
GRÁFICO 4	Grau de escolaridade.....	
GRÁFICO 5	Popularidade do Setor Macarrão.....	50
GRÁFICO 6	Motivação da viagem.....	
GRÁFICO 7	Tempo de permanência na cidade.....	51
GRÁFICO 8	Abrigo para escaladores aumentaria a permanência na cidade.....	
GRÁFICO 9	Divulgação do Setor Macarrão.....	52
GRÁFICO 10	Infra estrutura turística.....	
GRÁFICO 11	Gastos que os entrevistados realizaram na cidade.....	53
GRÁFICO 12	Conhecem outros setores de escalada na cidade de Ponta Grossa.....	
GRÁFICO 13	Meio de transporte utilizado pelos entrevistados.....	54
GRÁFICO 14	Conhecimento sobre o Parque Nacional dos Campos Gerais	
GRÁFICO 15	Como melhorar a infraestrutura do local.....	55

LISTA DE SIGLAS

ABETA	Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AME	Associação Mineira de Escalada
CAP	Clube Alpino Paulista
CEB	Centro Excursionista Brasileiro
CEU	Centro Excursionista Universitário
CMC	Círculo dos Marumbinistas de Curitiba
CPM	Clube Paranaense de Montanhismo
FEMERJ	Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro
FEMESP	Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo
FEPAM	Federação Paranaense de Montanhismo
GECP	Grupo de Escalada Cidade de Pedra
GVBS	Grupo Voluntário de busca e Salvamento
ICMBIO	Instituto Chico Mendes da Biodiversidade
IEF – MG	Instituto Estadual das Florestas de Minas Gerais
IH	Instituto de Hospitalidade
INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia
IUCN	União Internacional para Conservação da Natureza
Mtur	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente
SGS	Sistema de Gestão de Segurança
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UIAA	<i>Union Internationale des Associations d'Alpinisme</i>

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
	OBJETIVOS.....	14
	OBJETIVO GERAL	
	OBJETIVO ESPECÍFICO	
Capítulo 1.	TURISMO DE AVENTURA.....	16
1.1	TURISMO E SEGMENTAÇÃO	
1.2	TURISMO DE AVENTURA	17
1.3	CERTIFICAÇÃO PARA O TURISMO DE AVENTURA.....	19
1.4	MODALIDADES DO TURISMO DE AVENTURA.....	22
Capítulo 2.	A PRÁTICA DA ESCALADA.....	24
2.1	HISTÓRICO DA ESCALADA.....	26
2.2	TIPOS DE ESCALADA.....	29
2.2.1	ESCALADA EM BLOCO OU BOULDERING.....	
2.2.2	ESCALADA ESPORTIVA.....	30
2.2.3	ESCALADA ARTIFICIAL.....	
2.2.4	ESCALADA INDOOR.....	31
2.2.5	ESCALADA LIVRE TRADICIONAL.....	
2.2.6	ESCALADA SOLO.....	32
2.3	EQUIPAMENTOS UTILIZADOS.....	33
2.4	ESCALADA E O AMBIENTE NATURAL – IMPACTOS.....	
Capítulo 3.	HISTÓRICO DA ESCALADA EM PONTA GROSSA.....	37
3.1	SETOR MACARRÃO COMO ATRATIVO TURÍSTICO.....	40
3.2	PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS E O SETOR MACARRÃO.....	45
Capítulo 4.	ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS.....	48
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS	59
	GLOSÁRIO	62
	APÊNDICE	65

1. INTRODUÇÃO

O Turismo de Aventura é um segmento do Turismo que vem crescendo constantemente e atraindo cada vez mais turistas em busca de aventura. Dentre as várias modalidades de Turismo pode – se destacar a escalada como um esporte bastante atrativo para o público que busca aventura vertical.

A expressão “escalar” quer dizer subir a (montanha íngreme), sua prática exige sincronismo e entendimento entre as duplas. A escalada acontece em um trajeto que é determinado pelo tamanho da corda e dos grampos. Cada via é realizada por uma dupla, em que enquanto um escala o outro presta assistência, depois invertesse os papéis. Os trechos percorridos são de ponto a ponto, cada pessoa faz a via através da segurança do outro, até que consiga se ancorar na rocha.

Hoje o montanhismo/escalada pode ser definido como prática esportiva de subir montanhas com o propósito de atingir o cume, seja através de caminhadas ou escaladas (COSTA, 2003, apud COSTA, 2004).

No Paraná a variedade geológica, aliada a beleza cênica de atrativos naturais destaca inúmeras possibilidades para prática de atividades como a escalada. Dentre vários lugares a cidade de Ponta Grossa vem atraindo turistas em busca de aventuras nos paredões encontrados em alguns dos atrativos turísticos da cidade.

A cidade de Ponta Grossa está situada na região dos Campos Gerais e inserida no Segundo Planalto Paranaense. A cidade possui diversos afloramentos rochosos de diferentes momentos da evolução geológica onde o resultado dessa evolução possibilita a prática da escalada esportiva na região, apresentando vias de diferentes graus de dificuldade.

O resultado dessa história geológica é o que possibilita a prática atual da escalada esportiva na região, onde o objetivo é superar as dificuldades impostas pelas paredes de arenito, muitas vezes com inclinações superiores a 90 graus.

A região dos Campos Gerais é detentora de paisagens únicas e essa singularidade fez com que a região fosse mencionada com exaltação nos

relatos de viajantes e naturalistas desde o século XIX. Atualmente ela é visitada por turistas e esportistas em busca de contato com a natureza, além de pesquisadores e estudantes de diversas áreas como Geografia, Geologia, Biologia e Arqueologia (MELO *et al*, 2007).

Grande parte dessas vias de escalada da cidade está no Parque Nacional dos Campos Gerais, criado em 2006 com o objetivo de proteger nascentes de rios, campos, remanescentes de araucárias e barrar o avanço das áreas de agricultura presentes por todos os lados. O Parque ainda não está implementado, faltando também seu Plano de Manejo.

O Setor Macarrão vem sendo procurado para prática de escalada de forma crescente desde 2007, quando escaladores locais passaram a estabelecer várias rotas em duas faces dos blocos rochosos existentes no local.

Com o aumento constante do número de escaladores, faz – se necessário um estudo que indique o número e o perfil desta demanda de turistas que se deslocam para os atrativos naturais de Ponta Grossa em busca de aventura, a fim de propiciar um melhor planejamento Turístico, auxiliando para que futuramente a escalada seja contemplada no plano de manejo do parque.

Para o resultado desta pesquisa adotou – se uma metodologia que englobou:

* **Levantamento Bibliográfico:** Nesta etapa procurou-se obter o maior numero de dados sobre a região dos Campos Gerais, características, patrimônio, geologia e turismo, dados referentes à escalada, ações e iniciativas de manejo de escalada no Brasil e no mundo, obtidas através de publicações impressas e online. As leituras seguiram ate a fase final da conclusão do trabalho.

***Leitura Análise e Interpretação da Bibliografia:** As bibliografias encontradas foram analisadas enfocando os objetivos principais para elaboração do Projeto.

***Elaboração do Questionário:** Nesta etapa foram elaboradas dezesseis perguntas fechadas que foram aplicadas no Setor Macarrão.

-Coleta de dados: aplicação do questionário com os escaladores no Setor Macarrão, nos finais de semana e feriados no período de Maio a Julho de 2011.

- Análise e tabulação dos resultados
- Apresentação dos resultados
- Interpretação e elaboração do relatório final

O Setor Macarrão (Fig. 1) foi escolhido devido ao grande número de vias para escalada esportiva presentes no local que atraem praticantes de escalada de várias regiões do país e até mesmo de fora dele, sendo o local mais freqüentado pelos escaladores representantes do segmento de Turismo de Aventura que se pretende estudar.

Assim essa pesquisa visa identificar o perfil desses turistas, além de avaliar os equipamentos turísticos e serviços disponíveis, principais motivações e interesses dos turistas que visitam o Setor Macarrão, além de apontar as características de sua viagem, tais como: meios de hospedagem utilizados, gastos e tempo de permanência.

Esta pesquisa busca, portanto, ampliar e atualizar a base de dados existente sobre o perfil da demanda turística que se desloca para a cidade de Ponta Grossa, apresentando uma nova demanda e seu potencial ainda inexplorado, oferecendo informações que contribuam para o melhor conhecimento deste mercado turístico e também auxiliando para uma possível inserção da escalada no Plano de Manejo do parque, assim como o caso de outros parques mencionados anteriormente.

Pela especificidade de termos relacionados à escalada, disponibiliza-se neste trabalho um glossário para eventuais esclarecimentos.

Deste modo, os objetivos deste trabalho são:

* **OBJETIVO GERAL:** Identificar o perfil dos praticantes de escalada do Setor Macarrão município de Ponta Grossa – PR, e se interferem de forma positiva na economia da cidade.

- **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Caracterizar por meio de pesquisa de demanda o perfil deste público;
- Verificar se o turista que pratica a escalada no Setor Macarrão, utiliza a infra estrutura turística da cidade;
- Auxiliar no reconhecimento desta demanda para a estruturação de uma infra estrutura turística voltada para este turista;

O estudo da demanda é um instrumento fundamental para o planejamento turístico. A partir deste estudo e de suas correlações com a oferta é possível conhecer sua estrutura, evolução e as tendências futuras e principalmente é possível eliminar elementos impeditivos e transformar demanda potencial em efetiva (Dencker, 1999).



FIGURA 1 – Visão geral dos arenitos do setor Macarrão. (Fonte: Acervo Pessoal)

Capítulo 1. TURISMO DE AVENTURA

1.1 Turismo e Segmentação

Turismo é um fenômeno social, econômico e cultural que envolve pessoas. Segundo definição da OMT (Organização Mundial do Turismo) Turismo é:

“Turismo é o conjunto de atividades praticadas pelos indivíduos durante as suas viagens e permanência em locais situados fora do seu ambiente habitual, por um período contínuo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros”.

Turismo é uma atividade do setor terciário que mais cresce no país e no mundo, movimentando, direta ou indiretamente mais de U\$ 3,5 trilhões (2001). Segundo a OMT, existem as seguintes formas de turismo:

- **Turismo doméstico ou interno:** quando é realizado pelos residentes de um determinado país dentro dos limites do mesmo.
- **Turismo receptivo:** realizados pelos visitantes não residentes ao nosso país.
- **Turismo emissivo:** quando residentes viajam para outro país.

Para melhor entender, estudar e planejar o mercado turístico foram definidas as segmentações. Essas segmentações possibilitam o conhecimento dos principais destinos geográficos e tipos de transporte, da composição demográfica dos turistas, como faixa etária e ciclo de vida, nível econômico ou de renda, incluindo a elasticidade-preço da oferta e da demanda, e da sua situação social, como escolaridade, ocupação, estado civil e estilo de vida. O motivo da viagem, entretanto, é o principal meio disponível para se segmentar o mercado.

As maiores segmentações desse mercado são Turismo Social, Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Esportes, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo Rural.

Nesse trabalho será estudado o segmento Turismo de Aventura que atualmente, possui características e consistência mercadológicas próprias e, conseqüentemente, é uma nova oportunidade de ofertas e possibilidades para o setor devido ao crescimento que vem adquirindo.

1.2 Turismo de Aventura

A natureza sempre esteve presente na vida do homem em toda sua evolução, desde a luta pela sobrevivência, habitação e utilização dos recursos naturais à utilização do espaço natural para o lazer e divertimento. Com isso o meio ambiente vem se alterando gradativamente, devido à exploração imobiliária e o esgotamento dos recursos naturais, em correspondência ao uso do espaço ou degradação do ambiente.

O aumento da urbanização e a proximidade das residências ao local de trabalho desde a Revolução industrial em meados do século XVI fez com que a relação do homem com a natureza tenha sido minimizada. Atualmente a natureza tem sido revalorizada pelo homem, que busca desenvolver diversas atividades principalmente em seu tempo livre.

Para Xavier (1999), a economia pós-industrial vem sendo caracterizada pela predominância das atividades de serviços, além da automação nas indústrias, da informatização dos processos burocráticos e de uma busca incessante da natureza. Amplia-se o período dedicado ao tempo-livre. Surgem novos paradigmas e novos valores são incorporados a sociedade pós moderna.

Os ambientes naturais são procurados por sua beleza, tranquilidade e possibilidade de ações físicas, contemplativas e espirituais, nas quais os indivíduos buscam uma melhora da qualidade de vida e alívio dos desgastes gerados pelas grandes cidades e pelo excesso de trabalho. Os esportes de aventura na natureza juntamente com o turismo aos ambientes naturais são as manifestações que mais ganham corpo nos dias atuais, assim como o surgimento de grande variedade de equipamentos, técnicas e esportes.

O Turismo de Aventura é um segmento do Turismo que vem crescendo e apresentando um novo aspecto de ofertas e possibilidades turísticas, como novos destinos e novas formas de interagir com a natureza. De acordo com o Ministério de Turismo (Mtur,2006) *“Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não-competitivo”* (Fig. 2).

O Turismo de Aventura é o deslocamento de indivíduos em que o atrativo principal é a busca por atividades de aventura aliados a belas paisagens. Segundo Machado (2005, p. 33) *“Turismo de Aventura pode ser*

considerado um segmento do Turismo que proporciona atividades ligadas à natureza buscando a superação de limites pessoais com segurança e responsabilidade na utilização do meio ambiente.”

O termo Aventura vem do Latim e quer dizer (Adventura, do latim “o que há por vir”) quer dizer, trata-se de manter as fortes emoções como fator predominante na realização de qualquer atividade deste segmento.

Com isso, podemos dizer que as atividades consideradas de aventura são aquelas em para o indivíduo não só interessa a experiência física, mas também a superação dos seus limites, de cada nível de dificuldade superado, envolvendo prazer, adrenalina e liberdade.

As práticas das atividades de aventura são o atrativo principal e podem ocorrer em qualquer espaço seja ele natural, construído, rural, urbano, estabelecido como área protegida ou não (MTUR, 2008).

Essas práticas podem ser abordadas de duas maneiras, sem a presença de prestadores de serviço, por exemplo, o indivíduo se desloca ao local da escalada com amigos ou sozinho sem consultar uma Agência de Turismo de Aventura que forneça o pacote de escalada. E a outra maneira é quando o indivíduo se desloca a uma agência ou consulta um guia de viagens que o acompanha indicando os melhores lugares para a escalada, como também fornecendo o equipamento necessário para a prática da mesma.

Torna – se importante salientar que as atividades que englobam o Turismo de Aventura apresentam riscos, e acidentes não são raros e muitos deles podem levar a morte. Por isso são indispensáveis uma segurança competente, treinamento e o uso adequado do equipamento. Não é aconselhável que a prática seja feita sem um curso básico ou ausência de um guia experiente. Um curso pode ser feito em dois finais de semana com atividades práticas e algumas horas de teoria.

Assim, as atividades de aventura implicam determinado esforço e riscos controláveis, que variam entre seus graus de dificuldade dentro de cada modalidade.

Segundo dados do Sistema de Gestão de Segurança (SGS) emitido pelo programa Aventura Segura, risco é a combinação da probabilidade da ocorrência de determinado evento e da sua conseqüência, e o acidente é a somatória de erros.

Esses riscos controláveis são aqueles que podem ser considerados aceitáveis (desprezível), que irá requerer um monitoramento e uma revisão para garantir que o risco permaneça aceitável.



Figura 2 Escalada no Setor Macarrão caracterizada como Turismo de Aventura.(Fonte: Acervo Pessoal)

1.3 CERTIFICAÇÃO PARA O TURISMO DE AVENTURA

Por sua vez, é necessária a qualificação e certificação para o Turismo de Aventura a Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), busca a qualidade, segurança e sustentabilidade dentro da atividade turística. Representando os interesses das empresas de Turismo de Aventura, possibilitando o desenvolvimento do setor através de diversas ações, por exemplo, o Programa “Aventura Segura” para o Desenvolvimento e certificação do Turismo de Aventura desenvolvido pela ABETA.

Iniciado em dezembro de 2003, o Projeto foi uma iniciativa do Ministério do Turismo (MTur), que teve como entidade executora o Instituto de Hospitalidade (IH) e a Associação Brasileira de Normas Técnicas, por meio do seu Comitê Brasileiro do Turismo (ABNT/CB-54) como parceira.

O Projeto de Normalização e Certificação em Turismo de Aventura visava identificar os aspectos críticos da operação responsável e segura do turismo de aventura e subsidiar o desenvolvimento de um conjunto de normas técnicas para as diversas atividades que compõem o setor.

A iniciativa tem por meta fortalecer as empresas do setor, gerar e disseminar conhecimentos para a área, qualificar pessoas e instituições, proporcionar auxílio à certificação de condutores e empresas e formar grupos voluntários de busca e salvamento, os GVBS.

Essa foi uma ação pioneira para o segmento de Turismo de Aventura e Ecoturismo, fazendo com que o Brasil se consolide como destino de aventura, tendo empresas de turismo de aventura operando com um Certificado de Segurança emitido pelo Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial) e pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Com isso, a imagem do Brasil como destino de aventura se consolida cada vez mais, aliado a todas as belezas naturais, montanhas, vegetação heterogênea, rios, e o fortalecimento e investimento na organização social, capacitação de condutores, trazendo a melhoria nas operações das empresas do segmento de atividade de aventura.

Foram feitas quatro normas para o Turismo de Aventura que podem ser aplicadas em qualquer atividade de aventura que seguem as “Normas Técnicas de Turismo de Aventura.” (ABNT, 2005):

ABNT NBR 15285 – Turismo de aventura - Condutores - Competência de pessoal - Norma que define os conhecimentos que os condutores de turismo de aventura devem ter para proporcionar segurança e conforto aos clientes.

ABNT NBR 15286 – Turismo de aventura - Informações mínimas preliminares a clientes – estabelece quais são as informações que toda empresa ou profissional deve fornecer ao cliente para informá-lo sobre o que esperar e como se preparar para o passeio ou viagem oferecida.

ABNT NBR 15331 – Turismo de aventura - Sistema de Gestão de Segurança - Requisitos – Norma que define os requisitos necessários para gerenciar os riscos e sistematizar os procedimentos de segurança. Toda empresa de turismo de aventura do país deve conhecer e seguir esta norma como referência.

ABNT NBR 15500 – Turismo de aventura – Terminologia – Norma que define os termos comumente utilizados nas diversas atividades de Turismo de Aventura, incluindo termos relacionados à segurança, serviços e equipamentos.

A normalização é uma maneira de organizar a atividade turística, possibilitando o desenvolvimento do segmento com qualidade e segurança. Com o aumento da demanda pelo Turismo de Aventura, se torna necessário mobilizar não só o mercado, mas também o turista para estar atento a segurança, das atividades oferecidas pelas empresas do segmento. Com isso surge a “**Campanha do Consumo Consciente de Turismo de Aventura**”, que tem como objetivo orientar os turistas na escolha das atividades de aventura e também da empresa. A campanha oferece dez dicas para serem seguidas e utilizadas em qualquer uma das vinte e cinco atividades oferecidas no Brasil, (ABETA,2008):

MANDAMENTO 1) Peça referências e confira se a empresa que oferece o serviço está formalizada e se tem alvará de funcionamento.

Empresa séria e profissional tem que ser formal e ter registro de funcionamento.

MANDAMENTO 2) Verifique se a empresa oferece seguro que cubra atividades de aventura e natureza. O seguro é uma segurança adicional para os clientes caso qualquer coisa fora do planejado ocorrer e assegura que vai haver algum tipo de assistência.

MANDAMENTO 3) Verifique se a empresa conhece e aplica as normas técnicas brasileiras para a atividade que oferece. Pergunte à empresa se ela tem um Sistema de Gestão da Segurança implementado, conforme a norma. Toda empresa de Turismo de Aventura deve ter um Sistema de Gestão da Segurança – SGS funcionando em suas atividades. O sistema ajuda as empresas a se organizarem para dar o máximo de segurança para os clientes e diminuir os acidentes. Caso acidentes ocorram, a empresa vai saber reagir bem. Além do SGS, existem diversas outras normas para as atividades que ajudam empresas e condutores a seguir boas práticas de segurança nas atividades de aventura. Hoje não tem mais segredo, está tudo nas normas.

MANDAMENTO 4) Os equipamentos devem estar em boas condições de uso. Alguns equipamentos têm um selo de certificação (nacional ou internacional). No entanto, o selo não é característico em todos os equipamentos, por isso fique atento ao estado do material (aparência, limpeza e condições de armazenamento).

MANDAMENTO 5) Lembre-se: sempre que tirar os pés do chão esteja de capacete e sempre que entrar na água esteja de colete.

Empresas sérias oferecem equipamentos que aumentam a segurança, a diversão e o conforto durante o passeio.

MANDAMENTO 6) Aja de acordo com as regras ambientais em sua aventura: não faça fogo, não contamine o rio e ande sempre por trilhas demarcadas. Produza pouco lixo e traga-o de volta.

Turismo de Aventura é feito na natureza, temos que ser responsáveis com o uso dos espaços que visitamos.

MANDAMENTO 7) Confira o estado do estojo de primeiros socorros que a empresa está levando e tenha na sua mochila seus remédios específicos.

É importante sempre estar preparado para o inesperado.

MANDAMENTO 8) Seja responsável, conheça e respeite seus limites.

Cada pessoa deve saber como fazer atividades que sejam divertidas, emocionantes e que estejam dentro do seu limite.

MANDAMENTO 9) Hidrate-se, alimente-se e mantenha-se aquecido. A melhor pessoa para cuidar de você é você mesmo!

Água, alimentação e filtro solar não podem faltar na mochila.

MANDAMENTO 10) Conheça o Programa Aventura Segura e descubra o nosso País de um jeito novo! Busque empresas aderidas ao Aventura Segura nos destinos.

Essa campanha enfatiza a questão da segurança nas empresas que operam o turismo, mas preocupada em passar para o consumidor final informações para que ele mesmo tenha capacidade de identificar e diferenciar uma atividade ou empresa segura.

1.4 MODALIDADES DO TURISMO DE AVENTURA

São definidas varias modalidades do Turismo de Aventura no Brasil, abaixo serão listas as mais conhecidas dentro do segmento Turismo de Aventura. Elas estão distribuídas em grupos denominados Terra, Água e Ar, referenciando os três elementos da natureza. Segundo dados de (Mtur, 2006):

a) Terra

- **Arvorismo** - locomoção por percurso em altura instalado em árvores e outras estruturas construídas.

- **Atividades ciclísticas** - percurso em vias convencionais e não convencionais em bicicletas, também denominadas de cicloturismo.
- **Atividades em cavernas** - observação e apreciação de ambientes subterrâneos, também conhecidas como caving e espeleoturismo.
- **Atividades eqüestres** - percursos em vias convencionais e não convencionais em montaria, também tratadas de turismo eqüestre
- **Atividades fora-de-estrada** - percursos em vias convencionais e não convencionais, com trechos de difícil acesso, em veículos apropriados. Também denominadas de Turismo fora - de- Estrada ou off – Road.
- **Bungue jump** - salto com o uso de corda elástica
- **Cachoeirismo** - descida em quedas d'água utilizando técnicas verticais, seguindo ou não o curso da água.
- **Canionismo** - descida em cursos d'água transpondo obstáculos aquáticos ou verticais com a utilização de técnicas verticais. O curso d'água pode ser intermitente.
- **Caminhadas** - percursos a pé em itinerário pré-definido
 - Curta duração** - caminhada de um dia. Também conhecida por *hiking*
 - Longa duração** - caminhada de mais de um dia. Também conhecida por *trekking*.
- **Escalada** - ascensão de montanhas, paredes artificiais, blocos rochosos utilizando técnicas verticais.
- **Montanhismo** - caminhada, escalada ou ambos, praticada em ambiente de montanha.
- **Rapel** - técnica vertical de descida em corda. Por extensão, nomeiam-se, também, as atividades de descida que utilizam essa técnica.
- **Tirolesa**- deslizamento entre dois pontos afastados horizontalmente em desnível, ligados por cabo ou corda.

b) Água

- **Bóia-cross** - descida em corredeiras utilizando bóias infláveis. Também conhecida como *acqua-ride*.
- **Canoagem** - percurso aquaviário utilizando canoas, caiaques, *ducks* e remos
- **Mergulho** - imersão profunda ou superficial em ambientes submersos, praticado com ou sem o uso de equipamento especial.
- **Rafting** - descida em corredeiras utilizando botes infláveis

c) Ar

- **Asa delta** - vôo com aerofólio impulsionado pelo vento
- **Balonismo** - vôo com balão de ar quente e técnicas de dirigibilidade

- **Parapente** - vôo de longa distância com o uso de aerofólio (semelhante a um pára-quedas) impulsionado pelo vento e aberto durante todo o percurso, a partir de determinado desnível.
- **Pára-quedismo** - salto em queda livre com o uso de pára-quedas aberto para aterrissagem, normalmente a partir de um avião.
- **Ultraleve** - vôo em aeronave motorizada de estrutura simples e leve

Diante do exposto é notável a crescente expansão do mercado de Turismo de Aventura no país, que conta com mais de 1,5 mil empresas, que empregam mais de 8 mil funcionários, número que salta para quase 25 mil de trabalhadores nos períodos de alta temporada (ABETA,2008).

Os esportes de aventura são um dos segmentos que mais crescem dentro do Turismo, o chamado Turismo de Aventura que segundo a ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura) é caracterizada pela oferta comercial de atividades voltadas, principalmente, para pessoas que ainda não têm aptidão no esporte, havendo necessidade de serem conduzidas, acompanhadas ou introduzidas na atividade, aquelas oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos. A busca por lugares diferentes e aventura, faz com que aumente o número de adeptos.

CAPÍTULO 2. A PRÁTICA DA ESCALADA

Quando se fala em Turismo de Aventura a Escalada ou o Montanhismo são atividades que trazem muitos benefícios para o praticante e que vem cada vez mais conquistando adeptos de todas as idades. De acordo com o Congresso Mundial de Conservação de 1996, lançado pela *International Union for Conservation of Nature and Natural Resources* - IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza), “a liberdade de escalar é parte de uma necessidade mais ampla, onde as pessoas devem ter acesso a terra e água para apreciação da natureza e das paisagens “(UIAA, 1997).

A escalada é um esporte de aventura derivado do montanhismo, muito completo que trabalha todos os músculos do corpo além de propiciar aos aventureiros a oportunidade de observar a paisagem de outro ângulo como também despertar o espírito de superação, pois cada via superada é uma

conquista que faz com que o escalador sinta necessidade de superar outras vias com dificuldades cada vez maiores (Fig 3).

A expressão “escalar” quer dizer subir a (montanha íngreme), sua prática exige sincronismo e entendimento entre as duplas. A escalada acontece em uma seqüência de agarras gerando um grau de dificuldade, esse trajeto se chama “via”. Cada via é realizada por uma dupla, em que enquanto um escala o outro presta segurança. Os trechos são percorridos fazendo a proteção geralmente a cada três metros, sendo que a intenção é chegar ate a ultima agarra da rota sem haver nenhum tipo de ajuda exterior ou queda, quando conquistada pode – se dizer que esta via esta “encadenada”. Esse é o foco da escalada esportiva.

Para melhor entender essa atividade segue um breve histórico sobre a escalada.



Figura 3 Gesser Tomoya Miyagi escalando a via "Dali pra Cima" na Cachoeira do Rio São Jorge. (Fonte: Acervo Pessoal)

2.1 HISTÓRICO DA ESCALADA

O montanhismo consiste em atividades que envolvem longas caminhadas e ascensões a topos de cadeias de montanhas. É difícil afirmar com precisão quando o montanhismo começou, mas a conquista de algumas grandes montanhas data entre os séculos XIX e XX, alguns povos antigos dos Andes segundo Manual de boas Práticas – Escalada (2009), subiam as montanhas em rituais religiosos e faziam oferendas, inclusive humanas, como é o caso da múmia encontrada no monte Aconcágua, Argentina, a mais de 5.400m de altitude. Segundo Perkins (2005), o montanhismo como prática esportiva teve seu marco após a primeira ascensão do Mont Blanc, a maior montanha dos Alpes, em 1786.

Com o passar do tempo a atividade de subir montanhas ganhou caráter esportivo com a criação na Europa, dos clubes de montanhismos, a se iniciar com o Clube Alpino de Londres, em 1957.

No Brasil, ainda no século XIX, alguns pontos culminantes foram alcançados, mas sem o caráter essencialmente de lazer, teve sua primeira manifestação em 1856, quando José Franklin da Silva atingiu sozinho o Pico das Agulhas Negras, situado no maciço de Itatiaia (MG e RJ), enviando relato à Corte Imperial. Mais tarde, em 1871, foi registrada uma escalada bastante curiosa no Pão de Açúcar, RJ. Realizada por uma senhora inglesa e seu filho, que hastearam a bandeira da Inglaterra no alto do seu cume, motivando uma escalada de protesto realizada por Acadêmicos da Escola Militar da Praia Vermelha, para substituição da bandeira inglesa pelo pavilhão nacional. Várias expedições tentaram repetidamente escalar o Dedo de Deus, considerada uma das mais difíceis montanhas do mundo. Em 1912, um grupo de amigos, da cidade de Teresópolis venceram o desafio. Sete anos depois, foi fundado o Centro Excursionista Brasileiro, que serviu como meio de divulgação para o esporte no Brasil. Ainda hoje, o Rio de Janeiro se mantém como principal centro de escalada no Brasil.

Em 1979, é instalado o marco do montanhismo no Brasil, quando uma equipe de “montanhistas” paranaenses, se reúnem para exclusivamente alcançar o ponto mais alto do Pico Marumbi, no Paraná que liderados por Joaquim Olympio de Miranda atingiram o cume principal do conjunto Marumbi,

no Paraná, e que tinham como finalidade realizar uma escalada de montanha sem outras motivações além de apreciar seus panoramas e desfrutar das belezas e da satisfação de vencer as dificuldades que a natureza ali depositou (BANDEIRA, 1986, citado por ALVES, 2008). Era a primeira escalada "esportiva" no Brasil, planejada e estudada, dentro de uma sistemática. Em homenagem ao líder, o pico foi denominado "Monte Olimpo".

Esses paranaenses não fundaram um primeiro Clube de Montanhismo no Brasil, mas sem dúvida se tornaram o primeiro grupo de escaladores de montanhas com qualificação esportiva.

Ainda no final do século XIX, a escalada do elevado Pico das Agulhas Negras, até então considerado como a montanha mais alta do Brasil, foi conquistada pelos escaladores, Horácio de Carvalho e José Borba, que vencendo todas as dificuldades, percorrem o caminho pioneiro de José Franklin da Silva, desta vez, já aplicado artifícios técnicos rudimentares de escalada. Mesmo com toda dificuldade de mal tempo não foram impedidos de ambos chegarem ao cume das Agulhas Negras (Manual de boas Práticas – Escalada 2009).

Mas, é com a criação dos clubes de montanhismo que o caráter esportivo e o lazer das escaladas é firmado. O primeiro deles, o CEB (Centro Excursionista Brasileiro) em 1919 e nas décadas seguintes vários outros, em diversos estados, entre eles o CMC (Círculo dos Marumbinistas de Curitiba) em 1943, o CAP (Clube Alpino Paulista) em 1959, o CEU (Centro Excursionista Universitário) em 1970, e no Paraná o CPM (Clube Paranaense de Montanhismo) em 1978.

Com isso, a escalada em rocha se desenvolveu muito, o que acarretou na evolução dos equipamentos. No início os equipamentos de fixação ou auxílio eram limitados a cunhas de metal e madeira ou escadas feitas de troncos cravados de pregos lateralmente para apoio dos pés. As botas para se escalar não tinham nada de especial e, geralmente, eram feitas de sola de sisal trançado e mais tarde com tacos de borracha industrial vulcanizada. (Manual de boas Práticas – Escalada 2009).

Outro momento que impulsionou a escalada em rocha, no Brasil, foi à liberação das importações no início da década de 90, colocando à disposição o que havia de melhor em equipamentos.

Todo equipamento para a atividade de escalada possui certificação e geralmente são produzidas e homologadas no exterior por entidades como a UIAA (União Internacional das Associações de Alpinismo) e a NFPA (Associação Nacional de Proteção contra Incêndios).

Desde o registro da primeira ascensão ao Mont Blanc, no fim do século XVIII, até a década de 1950, o objetivo dos montanhistas era apenas chegar ao cume das montanhas. Após esse período a escalada evoluiu com a evolução e diversificação dos equipamentos e técnicas de escalada, começando a ser praticada em paredes antes desprezadas que possuíam dificuldade elevada consideradas antes impossíveis de escalar (FARIA, 2004; RIBEIRO; LORENZETTO; RODRIGUES, 2004).

Com isso, surge a escalada como atividade separada e específica, onde o objetivo é vencer as dificuldades técnicas encontradas nas rochas, exercitando a técnica, onde muitas vezes nem mesmo é alcançado o cume (Fig. 4).



Figura 4 Via "Favo de Mel" - Buraco do Padre (Fonte: Acervo Pessoal.)

A escalada teve sua evolução com o surgimento de novos equipamentos, e paredes rochosas mais íngremes foram possibilitadas para escaladas seguras com o domínio da prática de instalar proteções fixas e com a crescente disponibilidade de equipamentos móveis, permitindo assim uma evolução técnica nos movimentos físicos.

2.2 TIPOS DE ESCALADA

A atividade de escalada oferece grandes experiências desde a aventura do montanhismo em ambientes naturais, até a prática dentro de um ginásio de escalada. Existem diferentes tipos de escalada, cada local e cada escalada tem seu caráter específico.

Os tipos de escalada são expostos aqui para referência geral, mas principalmente porque diferentes tipos de escalada podem justificar diferentes questões e práticas de manejo (ACCESS FUND, 2008).

A escalada é um esporte que se pode praticar tanto individualmente como em grupo. Uma escala de 3 a 12, acrescida das letras A, B e C indica o grau de dificuldade de uma subida. A mais fácil é a 3A e a mais complexa 12 B. Este código está em todas as agarras do traçado e orientam a escolha das posições seguintes, sempre visando o topo. Existem várias modalidades de escalada: escalada de bloco (ou boulder), esportiva, artificial, indoor, tradicional, bigwall, alpina e em alta montanha (Alpinismo). Segundo (FLORES, 2011):

2.2.1 Escalada em Bloco ou Boulder

Modalidade atlética. Atinge os mais altos graus de dificuldade técnica entre todas as formas de escalada. É escalado sem corda, sempre a poucos metros do chão. As quedas são normais e fazem parte do jogo. Os escaladores fazem uso de colchões dobráveis, que podem ser carregados como uma mochila, com uma espuma de alta densidade para amortecer as quedas que são chamados de Crash pads.

Embora o escalador possa ferir o tornozelo se cair de mau jeito, a modalidade é bastante segura; é improvável que aconteça um acidente grave em bouldering. Ao praticar, é recomendável remover as pedras soltas do chão e ter alguém por perto, de prontidão, para equilibrar o escalador quando ele cair, evitando que caia de mau jeito.

A graduação é feita de V0 a V15, sendo um grau de dificuldade muito atlético.

2.2.2 Escalada Esportiva

Caracteriza-se pela escalada em vias curtas (raramente ultrapassam 60 metros), inteiramente ou principalmente protegidas com proteções fixas permanentes, geralmente instaladas em intervalos curtos. As vias são geralmente desenvolvidas por *rappel* (quando possível) com as proteções instaladas antes da primeira ascensão. De acordo com Perkins (2005) começou a se estabelecer como um tipo próprio de escalada já no final da década de 1970, quando escaladores franceses passaram a abrir vias inteiras com proteções fixas em locais como a Garganta do Verdon, na França.

Visto que as vias esportivas são relativamente fáceis de proteger as quedas, os escaladores dão ênfase à continuidade e dificuldade de movimentos, impulsionando seus limites a um alto nível, arriscando-se com relativa segurança e quedas curtas, quase sempre com mínimas conseqüências (PESTERFIELD, 2002).

A escalada esportiva demanda o uso de pouco equipamento relativamente, consistindo em: uma corda dinâmica, fitas expressas, um dispositivo de freio e cadeirinha. Sapatilhas e carbonato de magnésio também são utilizados, no entanto não são tecnicamente necessários. Geralmente, ocorre em paredes naturais de fácil acesso, mas também é muito praticada em paredes artificiais de ginásios de escalada. Por estes fatores, a escalada esportiva se tornou bem popular (ACCES FUND, 2008).

As vias de escalada esportiva devem ser abertas somente em paredes onde o uso de equipamento móvel seja inviável, caracterizadas pela falta ou total inexistência de boas fendas, fissuras ou lacas. As proteções fixas danificam a rocha, ao passo que necessitam de perfurações para instalá-las. No entanto, o dano pode ser limitado com a colocação de grampos ou chapeletas de aço inoxidável, que possuem excelente força, corrosão mínima e são menos visíveis. Assim, o único impacto significativo gerado à rocha será o impacto visual (PESTERFIELD, 2002).

2.2.3 Escalada Artificial

Escalada na qual se faz o uso direto de equipamentos de proteção e segurança com a função de pegas “artificiais” para mãos e pés ao realizar uma ascensão. O desafio maior é o de ascender faces regulares utilizando o mínimo

de equipamento. As ascensões podem durar vários dias, além de demandar o reboque de equipamentos de escalada e pessoais, e de exigir pernoites (bivaques) na parede rochosa, com o uso de *Portaledges* (ACCESS FUND, 2008).

Os equipamentos típicos usados em uma escalada artificial incluem cordas fixas, pítons, *cliffs* (ganchos), *nuts*, *friends* ou *cams*, ascensores, fitas tubulares (*daisy chains*) e martelos. A invenção e a evolução dos equipamentos de proteção não prejudiciais à rocha como os *stoppers*, *friends* e *cams*, resultaram na prática da Escalada Artificial “limpa”, que implica somente o uso de proteção colocada manualmente sem a necessidade de perfurações e marteladas, como demandam os pítons e as cunhas.

Este tipo de escalada é geralmente relacionado a grandes paredes ou *bigwalls*, como as encontradas nos Parques Nacionais Zion e Yosemite, nos EUA.

Escalada Indoor

O iniciante começa em vias com agarras bem próximas que permitem apoiar com as duas mãos e os dois pés. Conforme diminui o tamanho das agarras e aumenta a distância entre elas, fica mais complicado para segurar. A inclinação do muro-positiva, 90 graus e negativa, podem aumentar a complexidade da atividade (GREGO, 1998).

Na escalada indoor é marcada uma seqüência de agarras em que o escalador procura superar seus desafios. Essa modalidade possui grau mais competitivo existindo campeonatos em diversos lugares do Brasil e no mundo.

2.2.1 Escalada Livre Tradicional

Na escalada livre tradicional, o objetivo é escalar a via evitando o uso de pontos de apoio artificiais. Ainda assim, ao contrário do que acontece na escalada esportiva, uma via tradicional pode incluir algum trecho de progressão em artificial. Em geral, o grau de dificuldade técnica atingido é mais baixo do que nas vias esportivas (raramente acima do 8º), mas há a exigência de resistência física para suportar longas horas na parede.

Além disso, há um contato maior com o ambiente, o que torna recomendável conhecer um pouco de meteorologia e até de navegação em

trilha (para chegar até a via). Na escalada livre clássica, as vias são conquistadas, quer dizer, a primeira ascensão é feita com segurança por baixo. Nesta modalidade, e também na escalada alpina e na de big wall, a ascensão é, em geral, feita em duplas. Cada escalador se prende a uma das pontas da corda. Aquele que sobe primeiro é chamado de guia e, o outro, de participante ou segundo.

Este escala com segurança dada por cima pelo guia. É comum os dois trocarem de posições após cada enfiada de corda. A proteção móvel é empregada sempre que possível (ou seja, sempre que existirem fendas adequadas) e pode haver trechos sem proteção nenhuma na via.

A regra básica, nas conquistas, é proteger suficientemente os lances mais difíceis e supor que o guia não vai cair naqueles bem mais fáceis (dois graus ou mais abaixo do lance mais difícil). Ninguém deve esperar uma segurança total, como a encontrada na escalada esportiva.

Na escalada tradicional há alguns lances em que, simplesmente, o guia não deve cair, e outros em que a queda é aceitável (geralmente, os mais difíceis). É normal uma via tradicional exigir duas cordas para o rapel de descida.

A escalada pode ser feita em pequenas paredes com uma cordada, ou em cadeias de montanhas com vias de várias cordadas para atingir cumes. Comumente (mas nem sempre), escaladas tradicionais seguem sistemas de fendas onde é possível colocar proteção móvel, ou em saliências e protuberâncias naturais encontradas, dependendo da morfologia da rocha (PESTERFIELD, 2002).

2.2.2 Escalada Solo

Escaladas sem cordas e equipamentos de proteção, utilizando apenas a sapatilha e o saco de magnésio, sendo que uma queda certamente pode resultar em morte ou sérias lesões.

Contudo, muitos escaladores vêem este tipo de escalada como uma forma razoável de escalar rotas que estão dentro de sua capacidade (ACCESS FUND, 2008).

2.3 EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

São necessários vários tipos de equipamento para a prática da escalada, para a escalada de boulder são necessários apenas a sapatilha e um saco de magnésio. Na escalada esportiva são usados no mínimo 2 harness (cadeirinha) um de uso pessoal e o outro para quem irá fazer a segurança, sapatilha, saco para magnésio, mosquetão com e sem rosca, corda e freios. Se for fazer uma escalada indoor pode ter o privilégio de locar os equipamentos necessários tendo também uma pessoa disponível para fazer a segurança na escalada variando o seu custo conforme o ginásio. Longas rotas com proteções bem distantes, ou escalada com técnicas de artificial requer experiência e vários tipos de equipamentos como entalamentos de fendas usando nuts, excentrics friends, sistemas de blocos de polia para içar cargas, portaledge (barracas para ficar suspensos em paredes) entre outros equipamentos.

De acordo com Cordell (1999) citado por Access Fund (2008) durante as duas últimas décadas, as atividades de recreação em ambientes naturais que possuem elementos de risco e aventura têm crescido consideravelmente em popularidade. A escalada não é exceção e mais pessoas do que nunca participam desta atividade em suas variadas formas. No Brasil existem cerca de 20.000 montanhistas e escaladores, sendo o Rio de Janeiro o Estado com mais adeptos (PONTOS,2010).

2.4 ESCALADA E O AMBIENTE NATURAL – IMPACTOS

Com o aumento da demanda por recreação em ambientes naturais, e com o crescente aumento de adeptos de praticantes de escalada, aumenta também o número de impactos negativos para o ambiente principalmente devido à falta de um planejamento por parte das pessoas que buscam esse tipo de atividade. O abandono de lixo nos pés das vias, a abertura de vias de escalada de forma desordenada sem um estudo do ambiente, poluição dos rios e risco de incêndio devido a fogueiras feitas em lugares inadequados, são um dos principais danos causados pelos escaladores.

O barulho causado pela presença de pessoas na mata faz com que os bichos se sintam acuados, o pisoteamento das trilhas sem um tempo para que

possa recuperar a sua vegetação também são impactos negativos desta atividade.

Embora alguns impactos gerados pela atividade de escalada sejam os mesmos ou similares aos de outras atividades ao ar livre (como caminhadas e acampamentos), o seu manejo revela desafios especiais devido ao caráter único do ambiente em que é praticada, que é espacialmente diverso e engloba perspectivas horizontais e verticais, ao equipamento utilizado e aos diferentes tipos existentes (ACCES FUND, 2008).

Attarian e Pyke (2000) citam que ambos os gestores de áreas naturais protegidas e os pesquisadores têm reportado uma variedade de impactos relacionados à escalada, como erosão e compactação de solo, surgimento de trilhas sociais, dano à vegetação sobre rocha e circundante, eliminação imprópria de resíduos humanos e perturbação à vida silvestre. Deve-se considerar impacto em termos de um limite, e diferenciar efeitos aceitáveis (sem importância) de efeitos danosos ou prejudiciais aos recursos naturais. Escaladores têm visitado parques e / ou áreas naturais por muito tempo e freqüentemente assumem uma atitude de parceria nos locais que possuem pouca supervisão ou administração direta.

Mas, atualmente os escaladores buscam minimizar qualquer impacto ocasionado pela sua atividade em ambientes naturais, até mesmo na maneira de classificar a escalada. As regras do esporte além de ficar atenta apenas na dificuldade passaram a atender outros interesses, a preservação das paredes e rochas e do ambiente é um dos mais importantes. Técnicas aceitáveis antes, agora já foram banidas, como bater grampos perto de fendas que permitem proteção com material móvel, abandonar lixo em um campo-base da montanha ou jogar saquinho com fezes do alto de uma big wall, práticas toleradas 30 anos atrás.

Está crescendo a busca pelo mínimo impacto, reduzindo ao estritamente essencial as marcas da sua passagem sobre a rocha.

Muitos escaladores cada vez mais estão se preocupando em recuperar o ambiente em que praticam a escalada, fazendo mutirões para conservação da trilhas, conscientização sobre o lixo fazendo com que o impacto que a atividade causa no ambiente seja um pouco minimizado (Fig.5).

Ribeiro; Lorenzetto e Rodrigues (2004, p. 4) destacam algumas iniciativas históricas por parte de escaladores e montanhistas brasileiros relacionadas à proteção e gestão ambiental:

- Na década de 1940, a aquisição e doação à União da Fazenda Garrafão, por associados do Centro Excursionista Brasileiro para criação do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

- Em 1988, a mobilização de escaladores de vários estados para proteção de maciço de calcário contra mineração em Santana do Riacho, MG, levando à criação da APA Morro da Pedreira com 66.200ha. O movimento estimulou a fundação por montanhistas da ONG “GAE” – Grupo de Ação Ecológica, em 1990, que em sua história elaborou e apoiou propostas de criação de diversas UCs, formalizou e acompanhou denúncias de degradação em UCs, e coordenou projetos de revegetação de encostas íngremes do Rio de Janeiro junto à prefeitura local (GAE, 1998).

- Desde 1996, escaladores do Paraná vêm implementando com sucesso medidas para recuperação de platôs de vegetação montanhosa relictual afetados por escaladas no Morro do Anhangava, hoje parte do PE da Serra da Baitaca (RODERJAN e STRUMINSKI, 1992; LORENZETTO e STRUMINSKI, 2002). A forte mobilização dos montanhistas neste estado levou à criação em 1999 do “Movimento Pró-Parque Serra da Baitaca”, com vistas à maior proteção ambiental e segurança contra crescente criminalidade na região (ZIPPIN-NETO e FRANZEN, 2003) e do Corpo de Socorro em Montanha – COSMO, que atua junto ao PE Marumbi e oferece cursos em todo o país.

- O Centro Excursionista Universitário (CEU) e o Ministério do Meio Ambiente idealizaram e implementaram a campanha “Conduta Consciente em Ambientes Naturais”, responsável pela divulgação de práticas de mínimo impacto hoje bastante conhecidas e adotadas pelos mais variados grupos.

Com isso, pode – se perceber que existe uma grande preocupação por parte dos escaladores para manter o ambiente da escalada em constante preservação e com garantia de acesso, é impossível não trazer nenhum impacto ao ambiente quando existe presença humana, mas é possível que os impactos seja os mínimos possíveis garantindo assim, um contato com a natureza com respeito ao meio ambiente.

Torna-se importante destacar alguns eventos que envolvem questões como a boa prática da escalada (códigos de ética), questões ambientais, se preocupando em minimizar os efeitos causados pela atividade no meio natural, organizados pelas federações de escalada e montanhismo, órgãos estaduais e federais de meio ambiente e pesquisadores de universidades, como encontros e seminários.

O primeiro evento ocorreu em Curitiba, PR, em julho de 1993, o 1º Congresso Brasileiro de Montanhismo; anos mais tarde, em 2002 o Seminário de Mínimo Impacto em Paredes, realizado pela FEMERJ; em 22 de agosto de 2003, a Oficina: Diretrizes para Escalada e Montanhismo em Áreas Naturais Protegidas, promovido pela FEMERJ, FEMESP e FEPAM, com o apoio do Ministério do Meio Ambiente, realizado no Rio de Janeiro; em Junho de 2009 o Seminário Montanhismo de Mínimo Impacto no Complexo do Baú, promovido pela FEMESP; e em Março de 2010 o Seminário de Uso Público em Unidades de Conservação em Minas Gerais, promovido pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF-MG) com o apoio da Associação Mineira de Escalada (AME).



Figura 5 Mutirão para recuperação das trilhas do Setor Macarrão. (Fonte: Pedro Gomes Bernardino.)

CAPITULO 3. HISTÓRICO DA ESCALADA EM PONTA GROSSA

A Escalada em Ponta Grossa se inicia no ano de 1970 com o Grupo Kayapós, caracterizado por pequenas escaladas e descida por cordas fixas (sizal). Um grande nome da época foi Márcio Stingham. Em 1976, Bito Mayer e Wilson Tadeu Souza, um dos pioneiros na prática da escalada esportiva em Ponta Grossa, colocaram o primeiro grampo no arenito retirado logo em seguida por se tratar de um grampo de granito, muito curto para esse tipo de rocha.

Mas o grande marco da escalada na cidade de Ponta Grossa foi no ano de 1992, quando o “Nativo” (Ronaldo Franzen) deu um curso para os escoteiros do Grupo Pitangui, abrindo algum tempo depois juntamente com Wilson Souza algumas vias de escalada na Cachoeira do Rio São Jorge, Buraco do Padre e arredores (BARROS; MASSUQUETO, 2010).

Antes disso, em 1989 houve a realização de alguns eventos de escalada na região como o 1º Campeonato Aberto da Vila Velha, 1º Campeonato de Brasileiro de Escalada em Arenito e o 1º Campeonato de Escalada em Solo Nacional, realizado ao ar livre nos arenitos de Ponta Grossa, vencido pelo escalador argentino Rolando Garibotti e André Prata (São Paulo). Esses campeonatos contaram com a participação de escaladores de diversos lugares, mas, nenhum de Ponta Grossa. (Informação Verbal Guilherme Forbeck)

Na década de 90 começa a surgir a escalada em arenito, que até então não existia no Brasil, pois se acreditava que esse tipo de rocha era muito frágil para a escalada. O que mais tarde foi constatado que era um engano, com a conquista de vias de escalada na Cachoeira do Rio São Jorge no setor “Dali pra Cima”, e em São Luiz do Purunã, na escarpa da “Serrinha”. (PARANÁ E O MONTANHISMO, 2011)

Os afloramentos rochosos dos Campos Gerais possuem agarras grandes bastante verticais ou negativos e apresentam diversos “tetos” que dão origem, a uma escalada esportiva forte elevando o nível de escalada na cidade (Hauck, 2011).

Em 21 de Fevereiro de 1994 é fundado o Grupo de Escalada Cidade de Pedra – GECP, que tinha como objetivo a conservação ambiental (mutirões, orientação ao visitante), correta divulgação do esporte (palestras, cursos e eventos afins), organização, planejamento e execução de eventos, integração

escaladores com o ambiente natural, compartilhamento de informações, manutenção dos setores de escalada. (Informação Verbal Guilherme Forbeck)

Em 1994 é realizado o 1º Campeonato Itacueretaba de Escalada Esportiva (Fig. 6) sob a organização do GECP, com 2 dias de competição, 3 vias e 17 competidores, com o apoio do Banco do Brasil. (Informação Verbal Guilherme Forbeck)

Em 1998 o GECP, começa um projeto voluntário no Parque Margherita Masinni, Salto São Jorge e Buraco do Padre. O grupo se organizava em plantões com escala voluntária, aprovada nas reuniões do grupo. Faziam uma abordagem educativa com os turistas que visitam esses atrativos turísticos, monitoramento e manutenção das trilhas e a proposta para que o visitante trocasse seu lixo por posters.

No ano de 1998 também foi realizada a I Eco Trekking, com 20 Km de percurso e 20 competidores. Em 2000 devido o grande sucesso da primeira foi realizada a II Eco Trekking, com 18 Km de percurso e 30 competidores.

No ano de 2005 em Maio, inicia – se o movimento “Pró Parque Nacional”, em parceria com o GECP, o Grupo Fauna, Associação Planeta Azul.

Em Dezembro de 2005 é realizado um Mutirão Ambientalista no Buraco do Padre (Fig 7), em parceria com o movimento Pró Parque Nacional, com 50 participantes e o apoio do SEMA, Livrarias Montes, Panificadora Pão e Arte, Supermercados Tozetto, UEPG e 13º BIB. O Mutirão contou com o plantio de mudas, coleta de lixo, manutenção e interdição de trilhas, colocação de algumas placas informativas produzidas por Ana Claudia Folmann e oficina de origami. Oficinas de ornamentação de garrafas pet realizada por Élio Chaves, Compostagem Malu Massuqueto e vassoura (pet) Raquel Folmann.

Em 2006 inicia o desenvolvimento do Setor 1 com 18 vias com até 15m, negativas e com boas agarras (frágeis) e base confortável. Em 2007 se inicia o desenvolvimento do Setor 2 com 21 vias com até 28m, negativas e mais fortes que Setor 1. (LACERDA, 2010)

Em 2010 é realizado um Mutirão de Manutenção de Trilhas no Salto São Jorge com o apoio de 10 voluntários.

É feita também a interdição de duas vias de escalada no setor Macarrão, “Fenda do Tereza” e “Burlando a Lei” devido a identificação de um ninho de curucaca com filhotes. (Massuqueto, 2010)

Também em 2010 é realizado o lançamento do Guia de Escalada em Rocha de Ponta Grossa escrito por Fábio Barros (Binho) e Lilian Massuqueto (Malu), com o objetivo de organizar, registrar e informar sobre as áreas de escalada existentes, incentivando a prática do esporte de forma segura e consciente. Nesse guia é possível encontrar informações de acesso, croquis, graduações, equipamentos necessários em cada setor de escalada e cuidados com o meio ambiente.

Em 2011 é realizado um mutirão no Setor Macarrão (Buraco do Padre) para a manutenção das trilhas com o apoio de dez voluntários.

No dia 16 e 17 de Junho de 2011 é realizado o 1º Encontro de escalada de Ponta Grossa, contando com a presença de mais de 50 escaladores que se reuniram no Salto São Jorge.

E assim, se inicia a trajetória da escalada em Ponta Grossa, onde atualmente o setor Macarrão, juntamente com os setores no Salto São Jorge e no Buraco do Padre em Ponta Grossa, e os setores em São Luís do Purunã são os principais locais de escalada em arenito no Paraná (LACERDA, 2010).

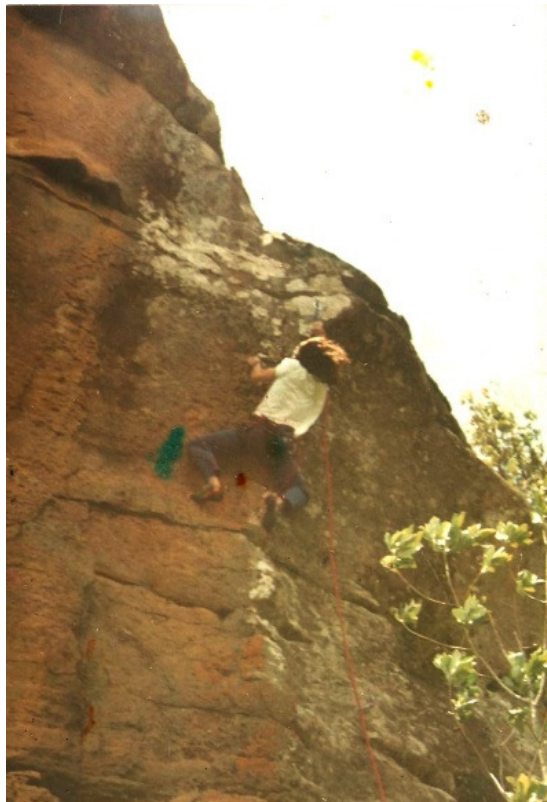


Figura 6 Campeonato de Itacueretaba.(Fonte: Guilherme Forbeck)



Figura 7 Mutirão Ambientalista - Buraco do Padre, 2005. (Fonte: Guilherme Forbeck)

3.1 SETOR MACARRÃO COMO ATRATIVO TURÍSTICO

O Buraco do Padre abriga dois setores de escalada: o Bloco do Favo e o Setor Macarrão 1 e 2. O Setor Macarrão está a aproximadamente 35 Km do centro da cidade de Ponta Grossa (Fig. 8). O acesso ao local pode ser feito pela PR-513, após 17 km de asfalto, é preciso convergir à direita seguindo as placas de sinalização para chegar ao “Buraco do Padre”, por meio de uma estrada não pavimentada, num trajeto de aproximadamente 7 km até a bifurcação de entrada ao Buraco do Padre seguindo reto mais 1,5 km para

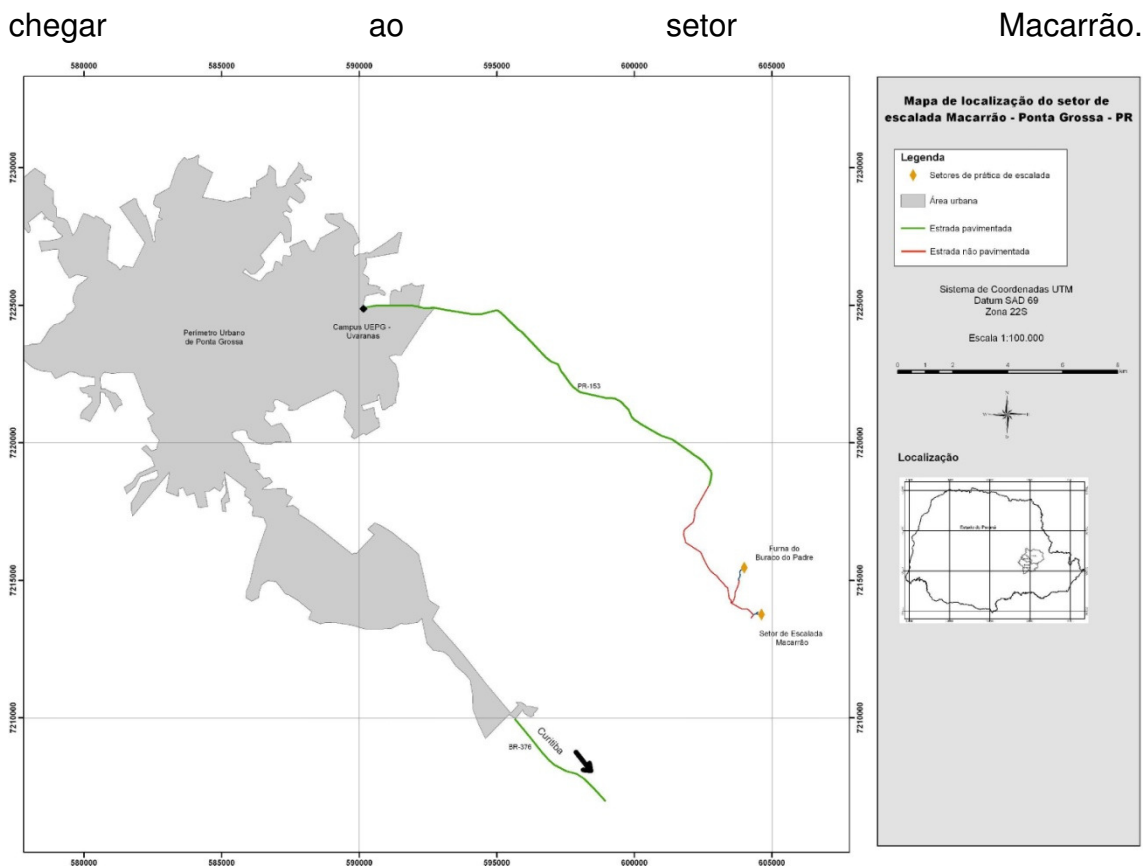


Figura 8 Mapa de localização do Setor Macarrão - Ponta Grossa Pr (BERNARDINO,2010 pág. 31)

Os primeiros top ropes surgiram na década de 90 com o Wilson de Souza e a galera do Grupo de Escalada Cidade de Pedra (GECp), inclusive o próprio nome do setor surgiu por causa de um miojo que não fez uma boa digestão no Wilson.

Após um tempo parado o Setor foi ganhar a primeira via chapelada em 2000, quando o Alisson e o Marcelo Tereza resolveram investir e grampearam uma linha inteira que hoje é a Fenda do Tereza (9b, bateram algumas chapas no meio da parede. Após isso em 2004 Willian Lacerda, Ed e Val abriram a ritmo terminal).

Após um mês de chuvas e nada de escalada, em 2007 Marcos, Bina e Fabiano (Paolo), resolveram fazer uma caminha em busca de novas paredes e ver as paredes do então Setor Macarrão com um olhar mais clínico.

E começaram a primeira via na marreta, com a ajuda do Ed, Val, Kava e Binho que contribuíram com algumas vias também.

A escalada no setor Macarrão é feita em arenitos da Formação Furnas, pertencentes ao Grupo Paraná, que é constituído da base para o topo pelas

formações Furnas e Ponta Grossa (Fig. 9). A formação Furnas é caracterizada por camadas tabulares e é geralmente descrita como uma sucessão monótona de arenitos quartzosos que apresentam estratificação cruzada e marcas de onda (estruturas geradas durante o processo de sedimentação) intercalando níveis delgados de conglomerados, sobretudo na porção basal. Atualmente acredita-se que a deposição da formação Furnas possa ter ocorrido desde o final do Siluriano até o início do Devoniano (GUIMARÃES et al, 2007).



Figura 9. Escalada no Setor Macarrão. (Fonte: Acervo Pessoal)

Apesar da proximidade entre o setor 1 e 2, a escalada em cada um revela algumas particularidades:

Setor 1 (Fig.10): possui aproximadamente 48 metros de altura e 98 metros de comprimento. No total possui 16 vias abertas, sendo que a mais alta medida (*Granitinho Carijó*) não ultrapassou 15 metros e a mais baixa (*Explode que é bom*) 9 metros. As proteções fixas somam 91, entre grampos e chapeletas. A extensão horizontal ocupada pelas vias existentes foi medida em 31 metros. As vias no setor 1 são mais curtas (terminam onde ocorre o aparecimento de platôs e vegetação), com várias pegadas grandes e algumas regletes (glossário), sendo uma escalada bem atlética (BERNARDINO, 2010).

Setor 2 (Fig.11): possui aproximadamente 40 metros de altura e 135 metros de comprimento. No total possui 19 vias abertas, tendo a mais alta em

torno de 28 metros (*Cata pinhão*) e a mais baixa 13 metros (*Sopita de camaron*). As proteções fixas somam 173. A extensão horizontal ocupada pelas vias foi medida em 64 metros. O setor 2 tem vias de dificuldade mais elevadas, além de serem mais altas e possuírem pegadas menores com regletes e abaulados(glosário) (BERNARDINO, 2010).

No setor Macarrão, a primeira rota esportiva com proteções fixas apareceu em 2000 (*Fenda do Tereza 9A*) e em 2004 a segunda (*Ritimo terminal 9A*), ambas no setor do fundo com grau de dificuldade bastante alto.

O Setor é muito procurado para prática de escalada, desde 2007 quando escaladores locais passaram a estabelecer várias rotas em duas faces dos blocos rochosos existentes no local (LACERDA, 2010), contribuindo para o aumento da demanda de escaladores no local. Possui 37 vias de escalada esportiva, e é dividido em dois setores: setor 1 ou setor da frente, e 2 ou de trás.

Seu uso é predominantemente de escaladores, devido ao local não oferecer nenhum outro atrativo como rios e cachoeiras que atraem outros tipos de turistas.

O fluxo de “escaladores turistas” é muito grande, atraindo escaladores de várias regiões do país e estrangeiros também. Atualmente o Setor Macarrão está entre um dos principais lugares para escalada em arenito no Paraná (LACERDA, 2010)



Figura 10 Setor 1 (ou da frente). (Fonte: Lilian P. Massuqueto)



Figura 11 Setor 2 (ou de traz) (Fonte: Lilian P. Massuqueto)

3.2 PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS E O SETOR MACARRÃO

A cidade de Ponta Grossa está situada na região dos Campos Gerais e inserida no Segundo Planalto Paranaense. A cidade possui diversos afloramentos rochosos de diferentes momentos da evolução geológica onde o resultado dessa evolução possibilita a prática da escalada esportiva na região, apresentando vias de diferentes graus de dificuldade. Na cidade há paisagens de beleza singular que proporcionam experiências únicas aos Turistas que se deslocam para essa região. Atualmente ela é visitada por turistas e esportistas em busca de contato com a natureza, além de pesquisadores e estudantes de diversas áreas como Geografia, Geologia, Biologia e Arqueologia. (MELO *et al*, 2007).

Atualmente é um dos principais pólos de escalada em rocha do estado do Paraná, com quatro principais locais de escalada, localizados próximos ao centro da cidade, conta com 91 vias catalogadas (BARROS; MASSUQUETO, 2010). Dentro desse aspecto pode – se perceber o potencial para a atividade na cidade. É de extrema importância estudos que indiquem o número e o perfil desta demanda de turistas que se deslocam para os atrativos naturais de Ponta Grossa em busca de aventura, a fim de propiciar um melhor planejamento turístico, auxiliando para que futuramente a escalada seja contemplada no Plano de Manejo do parque. Além do Salto São Jorge (que conta com 45 vias) e o Buraco do Padre, com 10 vias, existe também os setores “Macarrões” que abrigam vias de escalada esportiva, com um grau variando de médio à difícil. As paredes são inclinadas e negativas, apresenta fendas horizontais e verticais, grandes agarras e buracos. São todas vias atléticas e de resistência.

O Setor Macarrão assim como as outras vias de escalada presentes na região de Ponta Grossa, estão inseridos dentro da área do Parque Nacional dos Campos Gerais criado em março de 2006, (Decreto de 23 Março de 2006).

O Parque Nacional dos Campos Gerais (PNCG) é uma Unidade de Conservação Federal criada em 2006, situada no Estado do Paraná na borda da Escarpa Devoniana, limite entre o Primeiro e Segundo Planalto Paranaense.

O Parque abrange os municípios de Ponta Grossa, Carambeí e Castro, possuindo uma área aproximada de 21.288 ha.

A criação do Parque teve como objetivo “preservar os ambientes naturais ali existentes com destaque para os remanescentes de Floresta Ombrófila Mista e de Campos Sulinos, realizar pesquisas científicas e desenvolver atividades de educação ambiental e turismo ecológico (D.O.U. de 24/03/2006, p. 7)”.

Sua gestão (assim como a de todos os PARNAs) é de responsabilidade do Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio), uma autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA). As UCs, de acordo com a lei do SNUC, são assim consideradas:

"Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção"

Anteriormente à criação do SNUC, o Decreto Federal N° 84.017 de 21 de setembro de 1979, que regulamentava então os Parques Nacionais Brasileiros, já destacava a escalada como uma das atividades possíveis nestas áreas, pelo Artigo 34: “As atividades desenvolvidas ao ar livre, as caminhadas, escaladas, contemplação, fotografias, filmagens, pinturas e similares, devem ser permitidas e incentivadas, desde que se realizem sem perturbar o ambiente natural e sem desvirtuar a finalidade dos Parques Nacionais”.

O Parque Nacional é uma unidade de proteção integral e tem como objetivo básico “a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico” (SNUC, 2000).

Com isso, a escalada é considerada permitida nos Parques Nacionais, desde que enquadrada nos requisitos do Plano de Manejo e no zoneamento de uso público da Unidade. Para que a escalada funcione dentro da lei, deve ser realizada de acordo com práticas de mínimo impacto, o que, já é bastante praticado e divulgado por Federações de escalada que trabalham em conjunto

com os gestores de Parques onde a escalada é realizada, como por exemplo, no PARNA Serra dos Órgãos, no Rio de Janeiro.

Assim, percebe – se que quando trabalhada de acordo com as bases do Plano de Manejo a escalada pode ser um atividade dentro de uma Unidade de Conservação, o que se enquadraria perfeitamente no caso do Parque Nacional dos Campos Gerais, mais especificamente na área da cidade de Ponta Grossa que abriga diversas vias de escalada pela área do parque.

Atualmente o PARNA dos Campos Gerais ainda se encontra em fase inicial de implantação. Estima-se que cerca de uma centena de propriedades rurais está inserida nos limites da Unidade, tornando o processo de desapropriação e efetiva implantação um tanto quanto complexo (MOREIRA; ROCHA, 2007).

O presente trabalho propõe uma contribuição com a aplicação dos questionários do mês de Maio a Julho, com o intuito de comprovar que realmente existe uma grande demanda de escaladores de outras regiões.

Capítulo 4. ANALISE GERAL DOS RESULTADOS

O questionário foi aplicado com o intuito de verificar o perfil desta demanda de turistas que se deslocam para os atrativos naturais de Ponta Grossa em busca de aventura. Foram entrevistadas 70 pessoas durante o período de Maio a Julho de 2011, das quais 60 homens e 10 mulheres (Gráfico 1).

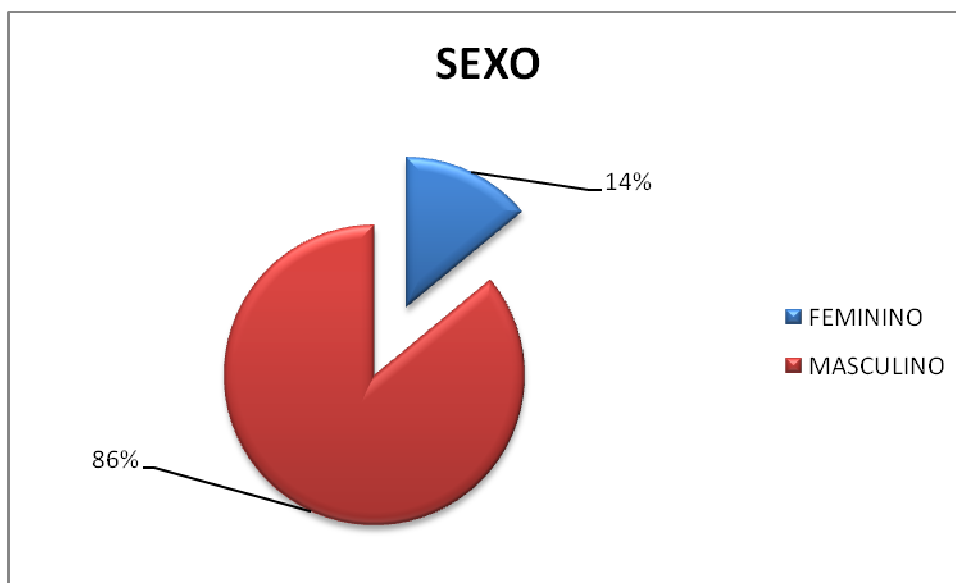


Gráfico 1. Sexo dos entrevistados

Os dados revelam que o Setor Macarrão recebe praticantes de escalada de idades variadas de 18 a 45 anos, englobando escaladores iniciantes até escaladores muito experientes (Gráfico 2).

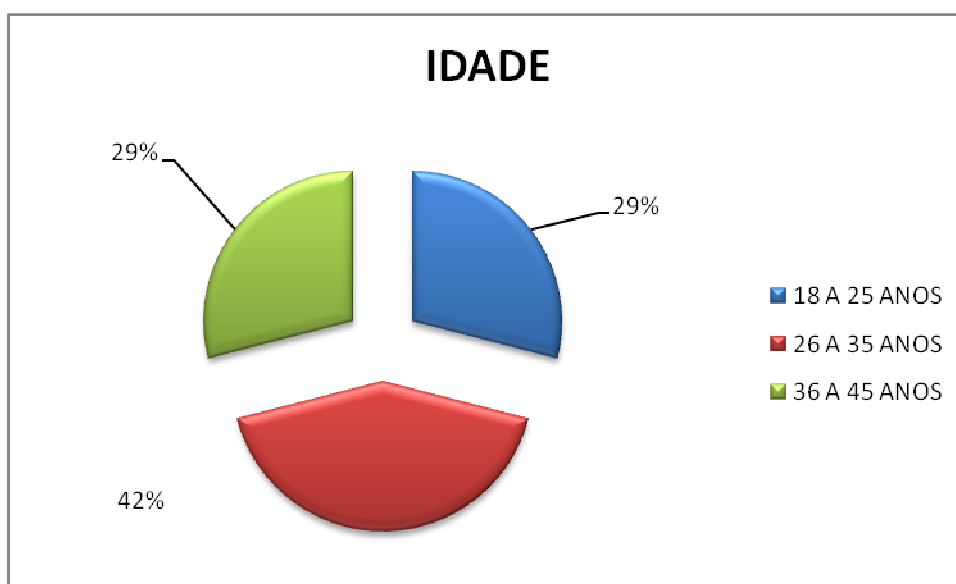


Gráfico 2. Em relação à idade dos entrevistados.

Do total de entrevistados 23% residem em Ponta Grossa, 20% são de Curitiba, 9% são de Guarapuava e Joinville, 10% são de Toledo, Florianópolis e Guarapuava, 7% são de Porto Alegre, e 3% são de Vitória, Belo Horizonte, Uruguai e Espanha (Gráfico. 3).

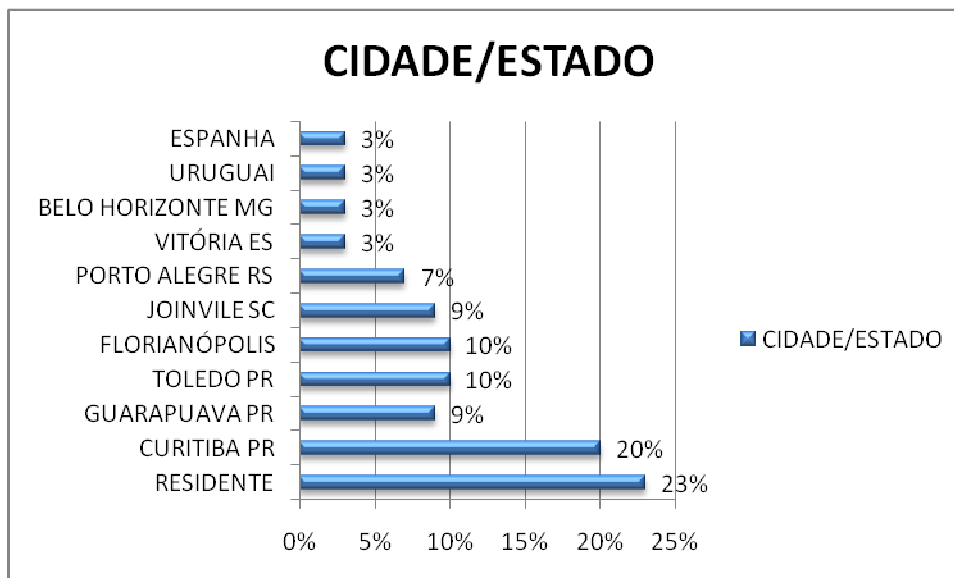


Gráfico 3. Origem dos entrevistados.

Quanto às respostas para a pergunta escolaridade, 20% possuem ensino médio, 28% estão cursando o ensino superior e 52% possuem ensino superior completo. O gráfico demonstra que o nível de escolaridade do escalador em sua grande maioria possui ensino superior, tendo assim, maior poder aquisitivo para efetuar gastos na região.(Gráfico 4).

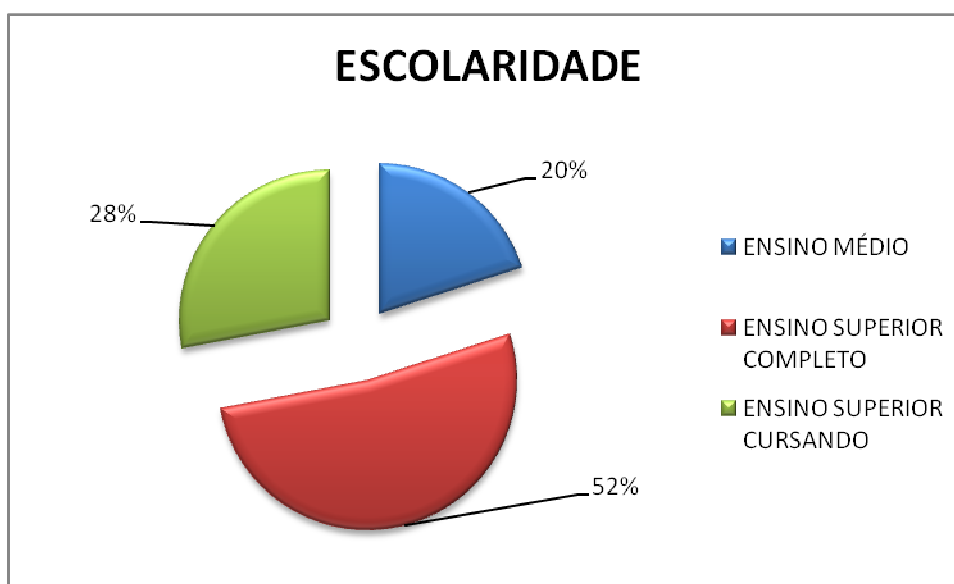


Gráfico 4. Grau de escolaridade.

Um dado que revela de forma geral o nível de popularidade do local mostra que 59% dos escaladores visitaram o local pelo menos três vezes ou mais, seguido de 28% que estavam no local pela primeira vez e 13% pela segunda vez (Gráfico. 5).

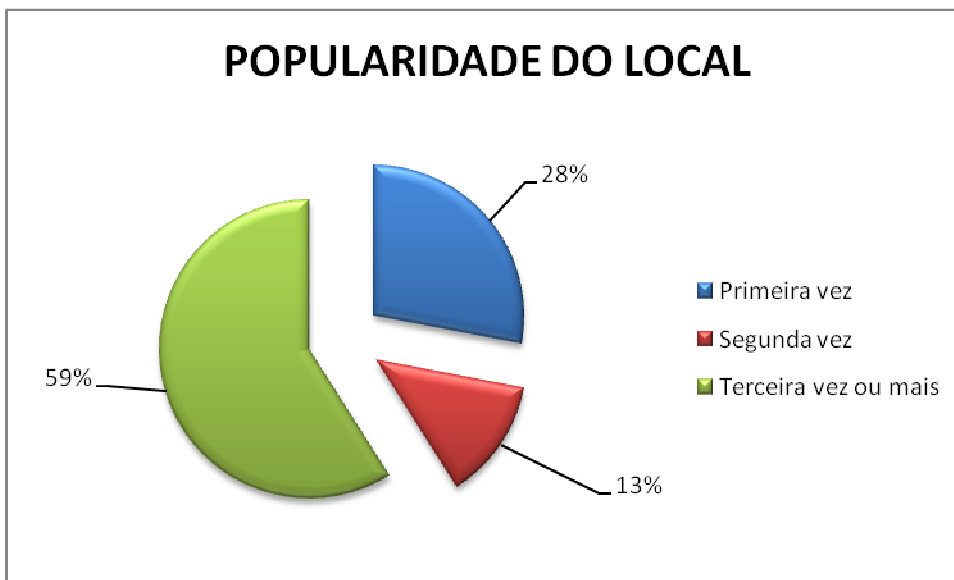


Gráfico. 5 Popularidade do Setor Macarrão.

Em relação à motivação da viagem 97% dos entrevistados estavam no local apenas para praticar escalada, e 3% estavam na cidade visitando parentes e amigos e aproveitaram para escalar (Gráfico 6).



Gráfico 6. Motivação da viagem.

Quanto ao tempo de permanência 26% vieram para passar uma noite (um final de semana), 20% somente durante o dia, 31% irão ficar mais de uma noite e 23% eram residentes da cidade (Gráfico 7).

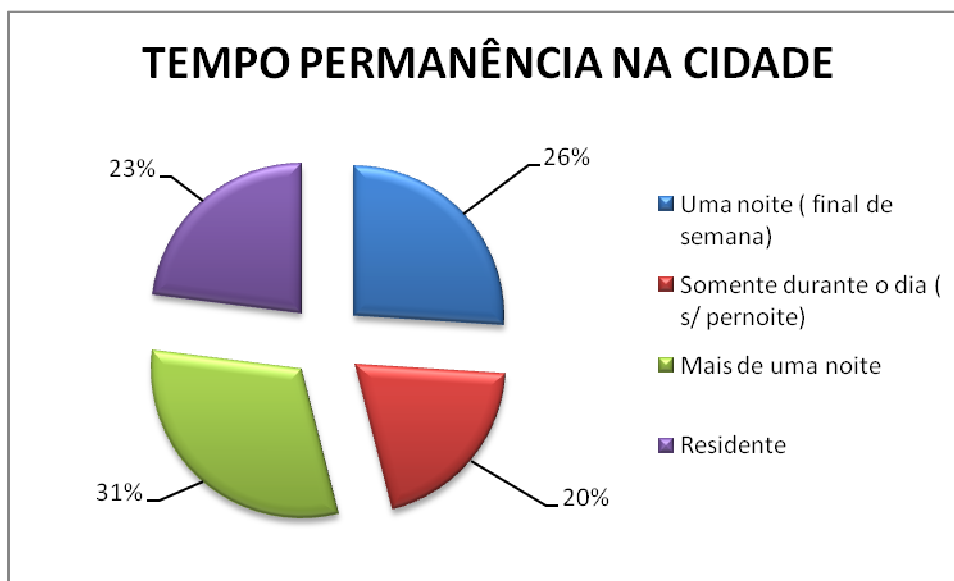


Gráfico 7 Tempo de permanência na cidade.

Quando questionados se um abrigo para escaladores poderia aumentar a permanência no local 60% afirmaram que sim e 40% responderam que não (Gráfico 8). Esse dado pode ser considerado um elemento potencial a viabilidade de uso de pousadas que poderiam existir nas proximidades do local, fazendo com que o turista efetuasse mais gastos na cidade.

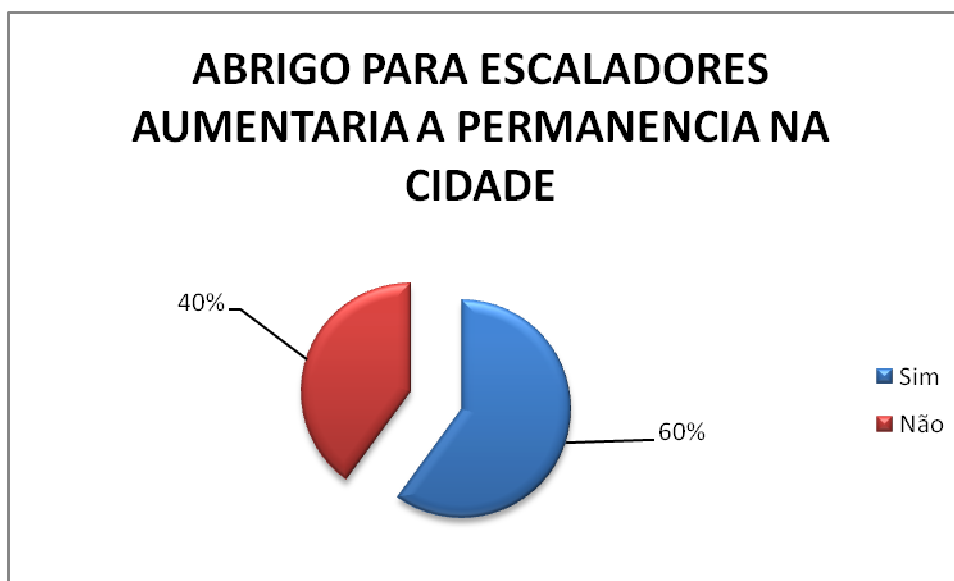


Gráfico 8 Abrigo para escaladores aumentaria a permanência na cidade.

Quanto à divulgação do Setor Macarrão 78% ficaram sabendo sobre a escalada no setor por amigos, e 11% internet e Guia de Escalada (Gráfico 9).

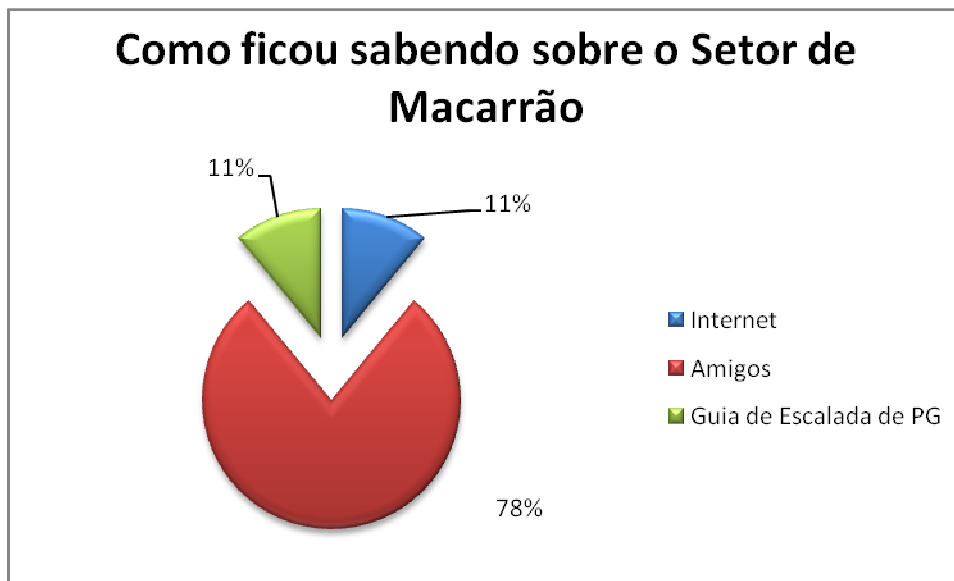


Gráfico 9 Divulgação do Setor Macarrão.

Dos entrevistados 53% consideram a infraestrutura turística do local razoável, 31% ruim e 13% consideram boa e 3% muito boa. (Gráfico 10).

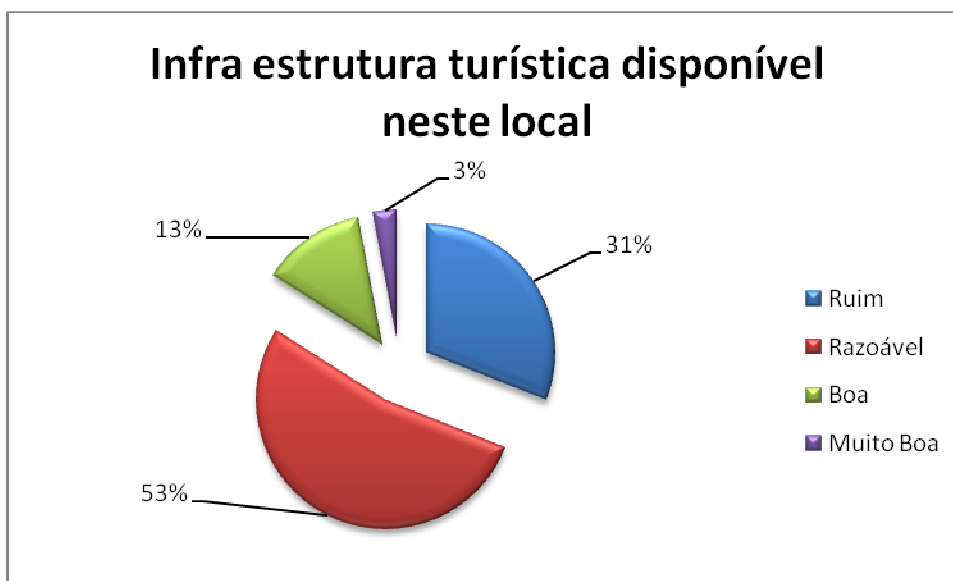


Gráfico 10 Infra estrutura turística.

Quando questionados se pretendem voltar a visitar o local todos os entrevistados afirmaram que sim.

Em relação a gastos na cidade 58% gastaram em combustível, 14% com mantimentos, 7% em equipamentos e em gastos com o Café Colonial oferecido pela Kaffee – Loch nas proximidades do Setor Macarrão e 14% não tiveram nenhum gasto. (Gráfico 11).

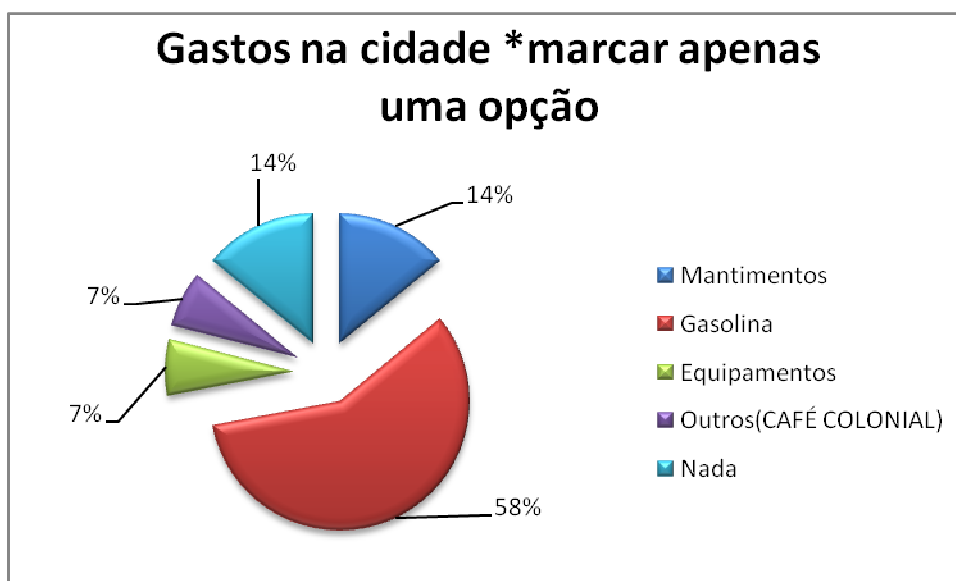


Gráfico 11 Gastos que os entrevistados realizaram na cidade.

Uma maioria de 87% afirmou conhecer outros setores de escalada na cidade, e apenas 13% não conhecem. (Gráfico 12)



Gráfico 12 Conhecem outros setores de escalada na cidade de Ponta Grossa.

Quanto ao meio de transporte utilizado 44% utilizaram carro de amigos, 43% carro próprio, 10% bicicleta e 3% utilizaram carro alugado (Gráfico 13).

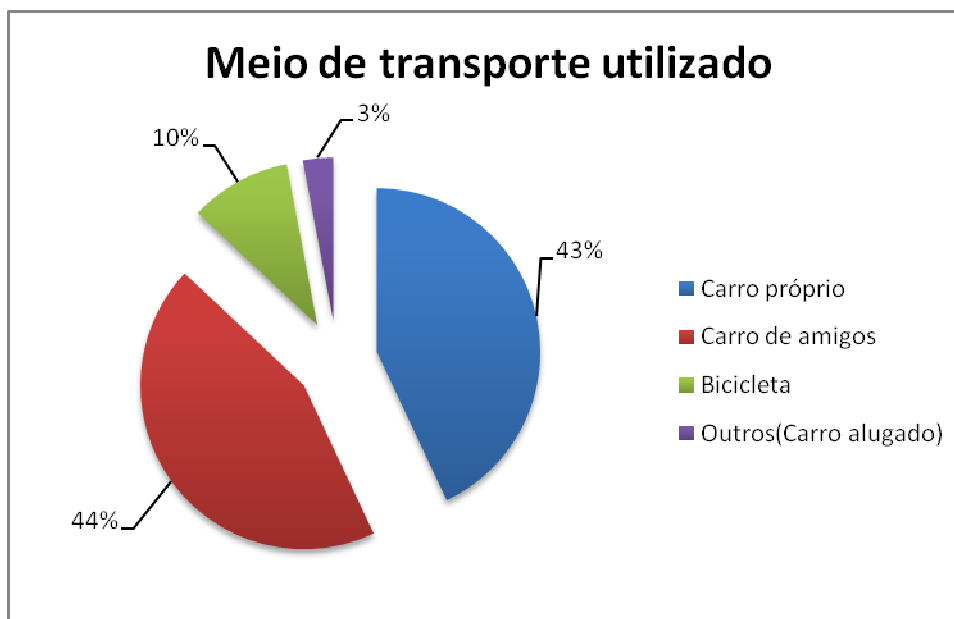


Gráfico 13 Meio de transporte utilizado pelos entrevistados.

Ainda uma maioria de 76% declarou não ter conhecimento sobre a criação do Parque Nacional dos Campos Gerais, dos quais 24% declararam ter conhecimento sobre o Parque.

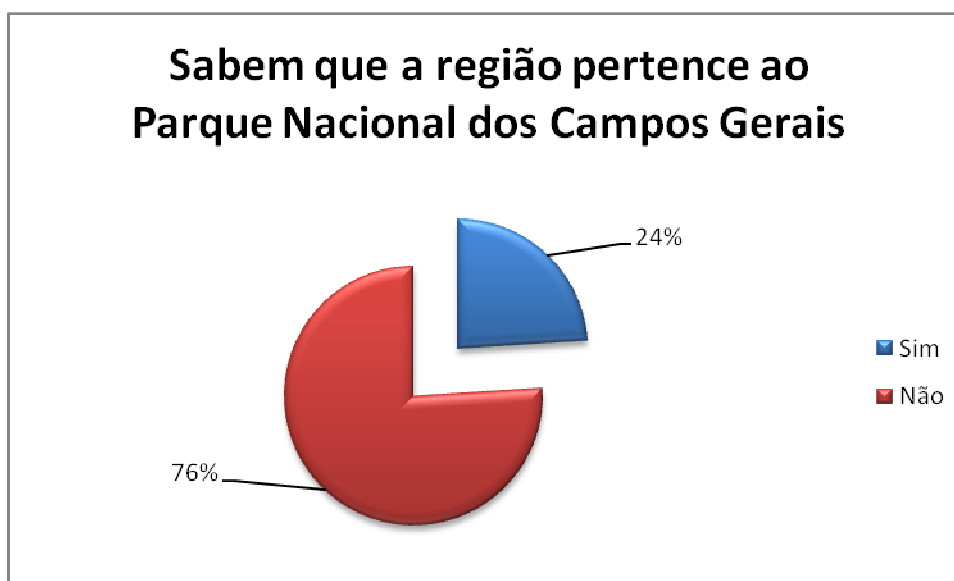


Gráfico 14. Conhecimento sobre o Parque Nacional dos Campos Gerais.

Nessa questão muitos dos entrevistados questionaram sobre a implantação do Parque Nacional dos Campos Gerais, por não haver nenhuma informação ou placas informando sobre isso (Gráfico 14).

Quando questionados sobre o que falta para melhorar a infraestrutura turística do local uma grande maioria de 43% respondeu que deveria haver mudanças na infraestrutura completa (acesso, trilhas, sinalização, abrigo), 21%

consideram que um abrigo seria interessante para os escaladores, 21% afirmaram que as trilhas deveriam ser reformuladas e 15% afirmaram que devia melhorar a sinalização e o acesso (Gráfico. 15).

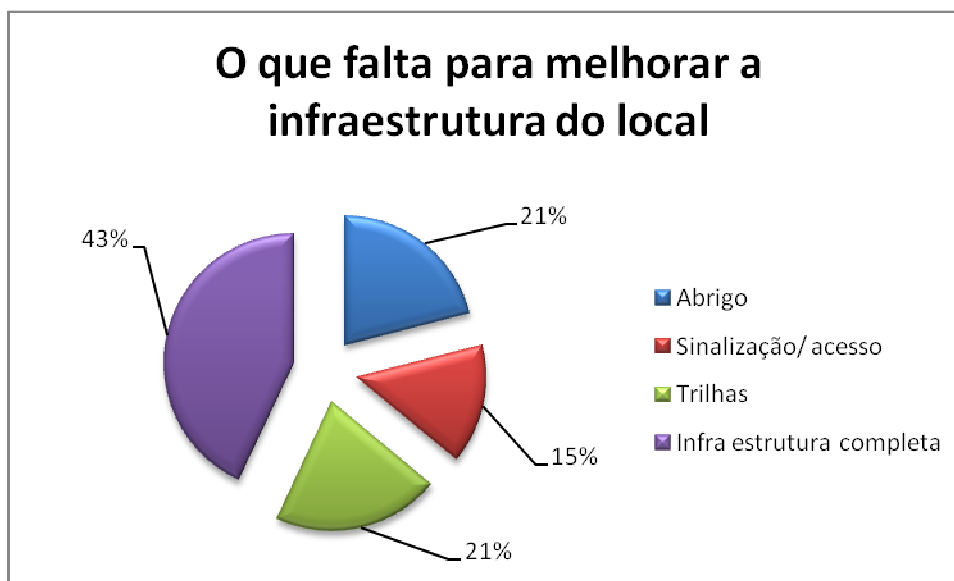


Gráfico 15. Como melhorar a infraestrutura do local.

Analisando a evolução do perfil do turista para o Setor Macarrão, pode-se supor que tal demanda deverá prosseguir em sua tendência para o aumento do número de visitantes nacionais – provenientes de outros estados – com destaque para Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Minas Gerais e internacionais, com destaque para Uruguai e Espanha.

O meio de transporte mais utilizado pelos turistas deverá continuar a ser o carro próprio, entretanto, pode vir aumentar o deslocamento através de carros alugados já que muitos utilizam o transporte aéreo e utilizam carros alugados para chegar até o Setor Macarrão.

Em geral, serão tanto homens quanto mulheres, com idade entre 18 e 45 anos que terão como motivação principal a escalada, permanecendo na área objeto de estudo em torno de um fim de semana.

Houve muito questionamento por parte dos entrevistados sobre a questão do Parque Nacional dos Campos Gerais, muitos cobraram respostas quanto ao fato de o Parque ser criado em 2006, e cinco anos depois ainda não haver mudanças. As respostas sobre o que falta para melhorar a infraestrutura rendeu muitas críticas e várias sugestões, elencadas aqui:

- Instituir o Parque Nacional dos Campos Gerais.

- Colocar placas sinalizando área para estacionar o carro, área onde é aconselhado acampar ou não, fazer fogueira ou não.
- Mais policiamento no Buraco do Padre e infraestrutura como banheiros, refúgios, campings.
- Buscar parcerias para trazer mais conhecimento de ponta às entidades que atuam nos setores de escalada. Desta forma, a manutenção de trilhas ganha eficiência, com menos tempo investido gerando resultados sólidos. O contato com os proprietários é algo que deve ser feito de forma educada, organizada e, se necessário, até formalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo de Aventura é um segmento que está crescendo gradativamente nos últimos anos e a procura por esportes de aventura é bastante significativa, a Escalada que está inserida dentro do Turismo de Aventura como parte do grupo “TERRA”, está ganhando cada vez mais adeptos em busca de aventura, prazer e superação. A singularidade e a beleza da cidade de Ponta Grossa tornam a escalada singular e de beleza especial, apresentando paisagens exuberantes e feições geológicas trabalhadas ao longo de milhares de anos. Essas feições tornam a cidade ideal para prática de escalada esportiva.

Com isso é crescente a busca de “escaladores turistas”, por esses paredões rochosos dispostos a se aventurar e praticar escalada esportiva.

Dentre os outros atrativos que possuem vias de escalada na cidade, o setor “Macarrão” se destaca pelo ambiente ser exclusivo para escaladores, ou seja, não possuir rios ou cachoeiras que atraiam turistas de outros segmentos turísticos.

O Setor Macarrão caracteriza um patrimônio geológico de rico valor. As escaladas nas suas paredes rochosas se caracterizam como um recurso para o lazer, e o homem deve ter sua passagem controlada, minimizando os seus impactos.

A prática da escalada no setor Macarrão vem sendo realizada de forma controlada, e as atitudes de mínimo impacto por parte dos escaladores devem ser mantidas, como a interdição de paredes quando necessário e a

reconstrução de trilhas, para que a prática possa continuar a ser feita de acordo com os parâmetros de preservação ambiental.

Com a aplicação dos questionários foi possível constatar a demanda de “escaladores turistas” que se deslocam estritamente para a prática da escalada, demonstrando que a região possui muito potencial para atrair ainda mais esse público.

A origem destes escaladores comprova que o Setor Macarrão já é bastante conhecido no meio da escalada esportiva, sendo necessários mais investimentos para esse público.

A cidade ainda possui uma infraestrutura turística precária no que se refere aos atrativos que possuem setores de escalada. Há necessidade de investimentos para fomentar o turismo, especialmente o Turismo de Aventura.

A melhoria da infraestrutura turística com a reestruturação do acesso e sinalização a esses atrativos turísticos, bem como um maior investimento na infraestrutura de apoio ao turismo através do atendimento direto ao visitante, seriam pontos que auxiliariam no crescimento e fortalecimento desta demanda de turistas.

Com a implantação do Parque Nacional dos Campos Gerais para os próximos anos, um plano de manejo para a prática da escalada deverá ser estudado, não só para serem aplicados no Setor Macarrão, mas em todos os locais onde a escalada é feita em Ponta Grossa, para que esteja em concordância com as exigências de uso público em áreas naturais protegidas.

Um abrigo para escaladores se tornaria um atrativo a mais para fazer com que esses turistas permanecessem mais tempo na cidade, pois poderiam ter mais conforto e comodidade depois da prática da escalada. Mas, se tratando do fato da região ser um Parque Nacional, falta muito mais do que um abrigo. Toda a infraestrutura que caracteriza esses tipos de parque precisa ser modificada, ou seja, sinalização, trilhas demarcadas e mais conservadas, meios interpretativos, sanitários, centro de visitantes, fazendo que a região esteja preparada para desenvolver a atividade turística de forma sustentável.

Por meio desta pesquisa pode – se concluir que o Setor Macarrão possui muito potencial, assim como a cidade de Ponta Grossa, mas infelizmente ainda em estado muito precário.

Percebe – se também que os escaladores efetuam poucos gastos na região, se restringindo apenas a maioria em combustível e mantimentos. Seria necessário um maior incentivo ao tempo de permanência e gasto médio do turista na região.

Deve-se, portanto, preparar a região para o aumento na visitação e para a mudança no perfil do turista, que passaria a ser paulatinamente mais exigente e seletivo em relação aos atrativos visitados e aos equipamentos e serviços utilizados.

No entanto, embora o município apresente potencialidades naturais para a prática dos Esportes de Aventura, esta não parece ser a visão dos órgãos públicos. Desta maneira, o Turismo de Aventura, não consegue se desenvolver no município, principalmente, devido à falta de atenção do poder público, governo federal, estadual. Evidencia-se que o Turismo de Aventura em Ponta Grossa, em virtude das potencialidades naturais, deva ser divulgado e desenvolvido.

Desta forma, investir em infraestrutura turística torna-se essencial para o desenvolvimento sustentável da atividade turística não apenas no Setor Macarrão, como também em outros setores de escalada da cidade.

Cabe salientar também, a importância do estabelecimento de mecanismos de controle da visitação aos atrativos naturais da região para que a capacidade de suporte desses ambientes não seja superada. Uma visitação excessiva coloca em risco a sustentabilidade ambiental da oferta diferencial da região, sobretudo dentro dos limites do Parque Nacional dos Campos Gerais onde a visitação ocorre com maior intensidade.

REFERÊNCIAS

ABETA E MINISTÉRIO DO TURISMO. **Manual de boas práticas de escalada**. Belo Horizonte: Ed. Dos Autores, 2009. 65 p.

ACCESS FUND, 2008. **Climbing management: a guide to climbing issues and the development of a climbing management plan**. Compiled by Aram Attarian, Ph.D. and Jason Keith, Access Fund Policy Director. Boulder, CO.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA. **Campanha do Consumo Consciente de Turismo de Aventura**. Disponível em: <http://www.abeta.com.br> Acesso dia:13 de Julho de 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15331: **Turismo de aventura** - Sistema de gestão da segurança –Requisitos. Rio de Janeiro, 2005.

ATTARIAN, A.; PYKE, K. **Climbing and natural resources management – An annotated bibliography**. Boulder, CO: The Access Fund, 2000.

BANDEIRA, C.M. **A história do montanhismo no Brasil**. Rio de Janeiro, 1986.

BARROS, Fabio Luis Batista; MASSUQUETO, Lilian Patricia. **Guia de Escalada em Rocha**: Ponta Grossa, Paraná. Editora Marumby, Curitiba, 76p.

BERNARDINO, Pedro Gomes. **Estratégias de Manejo para a prática da Escalada Esportiva nos Arenitos da formação Furnas, no Setor Macarrão, em Ponta Grossa - PR**. 2010. 66 f. Monografia (Graduação) - Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa Pr, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo de Aventura**: orientações básicas/ Ministério do Turismo, Coordenação- Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo. 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo**: marcos conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

Brasil. Ministério do Turismo. **Turismo de aventura**: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 56 p; 24 cm.

CARDOSO, J. Escaladas em Ponta Grossa – Paraná. Disponível em:

<http://www.altamontanha.com/colunas.asp?NewsID=1350> . Acesso em: 29 de Julho de 2011.

Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação (Anais Vol. 1) p. 335 – 345, Curitiba: 2004

COSTA, C. de S. C. **Formação profissional no esporte escalada**. Rio de Janeiro: UGF, 2004. 133p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1999.

FARIA, A.P. 2004. **Padrões de escalada brasileiros**. Disponível em: www.femerj.org. Acesso em: 15 de Julho de 2011.

GUIMARÃES, G.B.; MELO, M.S.; GIANNINI, P.C.F.; MELEK, P.R. Geologia dos Campos gerais. In: MELO, M. S. de; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007. p. 201-211.

HAUCK, Pedro. **Paraná e o Montanhismo**. Curitiba: Rock Mountain, 2011. Disponível em: <<http://gooutside.uol.com.br/>>. Acesso em: 03 Maio 2011.

ICMBIO – INSTITUO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Disponível em : <http://www.icmbio.gov.br/> Acesso em: 14 de Julho de 2011.

LACERDA, W. Ponta Grossa – Setor Macarrão. **Mountain Voices Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada**, Ano XVIII #114, São Bento do Sapucaí, p.10-11, Jul/Ago 2010.

MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, Ed Senac Nacional, 2005.

MELO, M.S et al. O patrimônio natural dos Campos Gerais e a sustentabilidade regional. In: MELO, M. S. de; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007. p. 201-211.

MOREIRA, J. C.; ROCHA, C. H. Unidades de Conservação nos Campos Gerais. In: MELO, M. S. de; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007. p. 201-211.

PERKINS, M. Rock Climbing Ethics: A Historical Perspective. **Northwest Mountaineering Journal**, Issue 2, summer 2005. Disponível em http://www.mountaineers.org/NWMJ/05/051_Ethics.html. Acesso em: 22 Junho 2011.

PETERSFIELD, H. 2002. **Traditional Lead Climbing: A Rock Climber's Guide to Taking the Sharp End of the Rope**. Wilderness Press. Berkeley, CA, USA.

PONTOS a favor da escalada. Disponível em: <http://www.acessoasmontanhas.org/> . Acesso em: 29 out 2010.

RIBEIRO K.; LORENZETTO A.; RODRIGUES C. **Bases para o Manejo de Escaladas em Unidades de Conservação**. In: Fundação o Boticário de Proteção à Natureza, Rede Nacional Pró - Unidades de Conservação. IV

SNUC – SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm Acesso em: 13 de Junho de 2011.

UIAA - UNION INTERNATIONALE DES ASSOCIATIONS D'ALPINISME. **UIAA ENVIRONMENTAL OBJECTIVES AND GUIDELINES**. Adopted at the UIAA General Assembly / 4 October 1997 in Kranjska Gora, Slovenija

XAVIER, Herbe. **A dimensão do turismo no ensino da geografia**. Anais do 5º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Belo Horizonte: PUC/Minas, 1999.

GLOSSÁRIO

Ascensores Equipamentos acoplados à corda usados para ascender diretamente pela mesma.

Bivaque Pernoites feitos sem barraca, com o uso de uma lona e saco de dormir ou saco de bivaque.

Cadeirinha Ou Arnês, equipamento constituído de um conjunto de fitas de alta resistência costuradas de modo a permitir circundar o escalador nas duas pernas e cintura.

Cordada Ou enfiada de corda, refere-se à ascensão feita em uma extensão da parede rochosa até uma parada (geralmente as cordadas têm 50 metros no máximo), para então iniciar uma nova cordada.

Corda dinâmica Corda especiais fabricadas para suportar a queda do escalador de forma mais suave, possuidora de um grau de alongação e melhor maleabilidade.

Crash pads Colchões dobráveis e portáteis que absorvem a queda do escalador

Fitas expressas Ou costuras, equipamento que constitui de dois mosquetões ligados por uma fita costurada eletronicamente, um para ser conectado à proteção na rocha (tanto móvel quanto fica) e outro na corda.

Hang – Dogging Fazer uso excessivo da corda durante a escalada.

Magnésio Carbonato de magnésio, composto químico usado para prevenir o suor das mãos.

Mosquetão Anel metálico com um segmento móvel, chamado de gatilho, para possibilitar a entrada e conexão da corda ou outro equipamento.

Parada Ou reunião, é o final de uma via ou de uma cordada, geralmente feita com duas proteções fixas para maior segurança.

Pegas Ou “agarras”, são as feições naturais da rocha que o escalador usa para apoiar pés e mãos.

Portaledge Equipamento utilizado para dormir na parede rochosa. É ancorado na rocha, e possibilita o escalador a dormir na horizontal.

Proteções fixas Chapeletas, *parabolts*, pítons e cunhas que para serem colocados demandam a perfuração de um pequeno buraco na rocha.

Proteções móveis *Nuts*, *friends*, *cams*, *stoppers*, proteções colocadas em espaços naturais na rocha, como fendas e fissuras, podendo ser retiradas após seu uso.

Rapel Técnica de descida utilizando equipamentos de fricção (freios) e cordas.

Sapatilhas Calçados especiais feitos com borracha de alta aderência.

Via Ou rota de escalada, é a linha pela qual segue a ascensão do escalador, estabelecida pelo primeiro a realizar a via.

APÊNDICES

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

TURISMO E ESCALADA EM PONTA GROSSA – PR**CURSO DE TURISMO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**

Acadêmica: Olga E. Vignoli Miyagi

4º ano

Data: ____/____/____

Questionário:

1. Sexo Masculino
 Feminino

2. Idade Menor de 18 anos 18 a 25 anos
 26 a 35 anos 36 a 45 anos
 45 a 60 anos

3. Cidade/Estado: _____

4. Escolaridade: Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior Completo
 Ensino Superior Cursando

5. Foi ao Setor Macarrão pela primeira vez: Primeira vez
 Segunda vez
 Terceira vez ou mais

6. Qual a motivação da viagem: Praticar escalada
 Visitar parentes / amigos
 Negócios
 Outros _____

7. Quanto tempo pretende ficar na cidade:
 Uma noite (final de semana)
 Somente durante o dia (s/ pernoite)
 Mais de uma noite
 Residente

8. Se existisse um abrigo na região p/ escaladores você ficaria mais tempo na cidade? Sim Não

9. Como ficou sabendo sobre o Setor de Macarrão? Internet

- Amigos
- Guia de Escalada de Pg
- Outros

10. O que achou da infra estrutura turística disponível neste local?

- Ruim Razoável Boa Muito boa

11. Pretende voltar a visitar o local? Sim Não

12. Você realizou algum gasto na cidade? Sim Mantimentos

- Gasolina
- Equipamentos
- Outros

Não

13. Você conhece outros setores de escalada na cidade? Sim Não

Se sim onde: _____

14. Qual meio de transporte você utilizou? Carro próprio

- Carro de amigos
- Van
- Bicicleta
- A pé
- Outros _____

15. Você sabe que essa região pertence ao Parque Nacional dos Campos

Gerais? Criado em 2006 com o objetivo de proteger nascentes de rios, campos, remanescentes de araucárias e barrar o avanço das áreas de agricultura presentes por todos os lados. Abrange parte do município de Ponta Grossa, Palmeira e Carambeí, atualmente em estado de implantação.

- Sim
 Não

16. Você acha que falta para melhorar a infra estrutura do local?

- Sim
 Não

Se sim o que falta: _____